

# CURSO

## Formação de Agentes Culturais Jovens Rurais



**REVISADA E  
AMPLIADA**

Jorge Atílio Silva Iulianelli (org.)



**CURSO**

**FORMAÇÃO DE AGENTES  
CULTURAIS JOVENS RURAIS**

Rio de Janeiro  
KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço  
2009

Curso de Formação de Agentes Culturais Jovens Rurais

© É permitida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sem autorização prévia dos organizadores, com a condição de ser mencionada a fonte.

ORGANIZADOR

Jorge Atílio Silva Iulianelli

ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO

Maria Priscila Lisa das Chagas

EQUIPE DE REDAÇÃO E REVISÃO

Joana D'arc da Silva

Jorge Atílio Silva Iulianelli

Maria Priscila Lisa das Chagas

Quitéria Maria Silva Ferreira

CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Editora Fonte Viva

FOTOS

Todas as fotos são do Acervo de KOINONIA

ILUSTRAÇÃO

Maria Priscila Lisa das Chagas

<http://www.sxc.hu>

IMPRESSÃO GRÁFICA

Editora Fonte Viva

ORGANIZAÇÕES ARTICULADORAS:

KOINONIA – Presença Ecumênica e Serviço

Escola de Formação Quilombo dos Palmares (Equip)

Pólo Sindical dos Trabalhadores do Submédio São Francisco PE/BA

Cooperativa de Pequenos Produtores de Bancos Comunitários de Sementes (Coppabacs)

APOIO:

Kinder not Hilfe

REALIZAÇÃO:

Programa Trabalhadores Rurais e Direitos

E-eletrônico: [trd@koinoia.org.br](mailto:trd@koinoia.org.br)

Kype: ProgramaTRD

KOINONIA – Presença Ecumênica e Serviços

Rua Santa Amaro, 129 – Glória – Rio de Janeiro

Tel: 55-21 3042-6445 – Fax: 55-21 3042-6398

Iulianelli, Jorge Atílio Silva (org.)

**Curso – Formação de Agentes Culturais: Jovens Rurais** Jorge Atílio Silva Iulianelli (org)– Rio de Janeiro: KOINONIA– Presença Ecumênica e Serviço, 2009.

68 p.; 14 cm x 21 cm

1. KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço. 2. Escola de Formação Quilombo dos Palmares. 3. Juventude Rural. 4. Ação Cultural. 5. Educação Popular. I. Título.

CDD 331.382981 (versão 1.10 CD)

# ÍNDICE

APRESENTAÇÃO .....	5
--------------------	---

## **1ª ETAPA**

1. INTEGRAÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	9
2. AÇÃO CULTURAL DE JUVENTUDES BRASILEIRAS DO CAMPO .....	10
2.1. Para começar a conversa.....	10
2.2. O que a gente quer com essa conversa? .....	11
2.3. Porque estamos falando em ação cultural? .....	11
2.4. Metodologia Geral do Curso de Formação de Agentes Culturais Jovens Rurais .....	12
3. Construindo nossa identidade.....	13
4. REFLETINDO SOBRE AS TEMÁTICAS DO CURSO .....	14
4.1. O que é ação cultural? .....	14
4.2. Continuando a conversa.....	17
4.3. O mundo rural brasileiro e a juventude.....	17
4.4. Continuando a conversa, porém, concluindo a roda de reflexões temáticas... ..	23
5. PLANEJANDO AS AÇÕES CULTURAIS.....	23
6. AVALIANDO A ETAPA DO CURSO.....	25

## **2ª ETAPA**

1. ACOLHIDA E APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA DE TRABALHO DA ETAPA .....	27
2. REINICIANDO A CONVERSA.....	27
3. CONSTRUINDO PROCESSOS DE PLANEJAMENTO E MONITORAMENTO.....	28

3.1. Ciclo do Planejamento .....	28
3.2. O Processo de Monitoramento.....	34
4. ORIENTAÇÕES GERAIS PARA AS AÇÕES CULTURAIS.....	35
5. CONCLUINDO A CONVERSA .....	36
6. AVALIANDO A ETAPA DO CURSO.....	39

## **3º ETAPA**

1. ACOLHIDA .....	40
2. RETOMANDO A CONVERSA.....	40
3. REFLETINDO SOBRE O PROCESSO DE AVALIAÇÃO .....	42
3.1. O que é Avaliação? .....	42
4. RESGATANDO E AVALIANDO O PROCESSO EDUCATIVO E AS AÇÕES CULTURAIS.....	44
5. CONSTRUINDO ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS PARA AS PRÁTICAS EDUCATIVAS E ORGANIZATIVAS.....	46
6. AVALIANDO E CELEBRANDO .....	47

## **ANEXOS**

### **INSTRUMENTO 1**

ROTEIRO PARA O RELATÓRIO DO DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO DO CURSO DE AGENTES CULTURAIS JOVENS RURAIS .....	49
--	----

### **INSTRUMENTO 2**

Instrumento de Monitoramento dos Dhesca durante o processo de planejamento, execução e avaliação da ação cultural .....	51
--	----

### **INSTRUMENTO 3**

Instrumento de Monitoramento dos Direitos da Juventude durante o processo de planejamento, execução e avaliação da ação cultural .....	53
---	----

<b>CADERNO DE METODOLOGIAS .....</b>	<b>55</b>
--------------------------------------	-----------

## APRESENTAÇÃO

As ações educativas com juventude camponesa, assessoradas por KOINONIA – Presença Ecumênica e Serviço, tem avançado desde 1997, em apoio ao Departamento de Juventude do Pólo Sindical do Submédio São Francisco. A partir de 2003 tem sido desenvolvido o curso de formação de agentes culturais. O modelo básico permanece o mesmo. Porém, a construção metodológica do protagonismo da juventude camponesa para a sua realização foi alterado ao longo do mesmo período. A partir de 2004, em parceria com a Escola Quilombos dos Palmares (Equip), e com a Cooperativa de Pequenos Produtores de Bancos Comunitários de Sementes (Coppabacs), estendeu o curso para o sertão de Alagoas. A partir daquele período o curso de formação de agentes culturais se estendeu para as regiões sertanejas de Alagoas, Bahia e Pernambuco.

Nestes anos todos foram formados quase 400 jovens, de 30 municípios desses sertões, e que realizaram ações culturais mobilizadoras de dezenas de milhares de pessoas ao todo. Foram ações culturais, tais como: formação de hortas comunitárias agroecológicas, festivais culturais que discutiram temas ambientais, torneios de futebol com debates sobre temas de segurança humana (superação da violência, superação do alcoolismo, gravidez na adolescência, prevenção às doenças sexualmente transmissíveis e ao HIV/AIDS), dentre outras. No ano de 2007 fizemos uma inovação metodológica, formamos 60 jovens edu-

cadres populares com o fito de serem agentes educativos para a formação de jovens camponês@s agentes culturais. Em 2007, est@s jovens realizaram duas turmas, uma em AL e outra para o SMSF. No ano de 2008, est@s jovens educadores continuaram a experiência – com entrada de novos jovens no SMSF. Foram realizadas três turmas, uma em AL no primeiro semestre; e no segundo semestre outra turma em AL e mais uma para o SMSF.

Ao final dessa inovação pedagógica a juventude camponesa e as organizações articuladas pelo Pólo Sindical das Trabalhadoras e Trabalhadores Rurais do SMSF, e pela Cooperativa de Pequenos Produtores de Bancos Comunitários de Sementes, com o apoio e assessoria de KOINONIA e da Equip, decidiram municipalizar a experiência – que também poderá ser ampliada para outras regiões rurais, como o Rio de Janeiro. Para este fim foram formados novos jovens agentes educativos. Eles atuarão em diferentes municípios do sertão de Alagoas, Bahia e Pernambuco no ano de 2009. E este será um dos instrumentos de trabalho que el@s utilizarão.

Este instrumento está composto por três capítulos, que correspondem aos três módulos do curso. No primeiro, temos a discussão sobre processo de planejamento de ações culturais. Nele vamos encontrar a discussão sobre o que é uma ação cultural, qual o contexto rural no qual se realiza a ação e as suas metas de promoção dos direitos humanos, dos direitos da juventude e do desenvolvimento rural sustentável e solidário – capazes de tornar efetiva a justiça climática. No segundo capítulo, temos a discussão sobre a construção da ação por meio de um planejamento que pode ser bem monitorado. Para que se alcancem aquelas promoções é necessário que sejam verificados os critérios que permitem realizar a ação cultural. Finalmente, o terceiro capítulo, trata dos processos de avaliação de uma ação cultural, que implica na necessária socialização dos resultados das mesmas.

Neste instrumento de trabalho foram incluídos alguns materiais que podem auxiliar na reflexão e na realização sobre/das ações culturais. Uma orientação para a realização do diagnóstico participativo foi incluída. Anexamos instrumentos para o

monitoramento da promoção de direitos e do desenvolvimento sustentável para todas as etapas do processo de construção da ação cultural, do planejamento à avaliação e socialização. Foi incluído, também, em especial para os agentes educativos jovens do processo de formação, um caderno de dinâmicas.

**É isso aí! Boa leitura e bom uso.**



Encontro de Agentes Culturais Jovens Rurais. Paulo Afonso (BA), em novembro de 2007.



Encontro de Agentes Culturais Jovens Rurais, em Glória (BA), novembro de 2008.

**Não esqueçam de visitar  
e escrever para o  
BLOG Palavra de Jovem Rural:  
[www.palavradejovemrural.blogspot.com](http://www.palavradejovemrural.blogspot.com)**

**Mandem os e-mails com  
as mensagens,  
notícias, fotos e vídeos para:  
[pjr@koinonia.org.br](mailto:pjr@koinonia.org.br)**

# 1ª ETAPA

CURSO

## FORMAÇÃO DE AGENTES CULTURAIS JOVENS RURAIS

### 1. INTEGRAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Os facilitador@s do curso inicialmente se apresentam para o público dizendo o nome do curso, e apresentam o objetivo geral do curso. Em seguida, fazem um levantamento das expectativas dos participantes e avaliam com eles a proximidade e a distância que tem em relação ao objetivo geral.

Após esse momento de apresentação do curso, iniciam a apresentação d@s participantes. Os facilitador@s dizem o próprio nome e a entidade a qual estão vinculados e aquelas que estão organizando o evento. Então, convidam tod@s a formarem uma grande roda e, falando do significado da roda, coordenam uma técnica de apresentação e integração d@s participantes que permita a construção do perfil do grupo.

Podemos utilizar a técnica das “rodas d@s identidades”, na qual chama para o centro da grande roda @s participantes e formam pequenas rodas para a construção do perfil. As pequenas rodas podem ser:

- a) Roda por Sexo: homens e mulheres
- b) Roda por idade: de 15 a 20 anos; de 21 a 25 anos; de 26 a 32 anos
- c) Roda por ocupação: Quem trabalha e quem não trabalha. Dos que trabalha, quantos trabalham na roça?

- d) Roda do grau de instrução: Até 5º. ano; do 5º. ao 9º. ano; cursando ensino médio; quem já concluiu ensino médio; cursando universidade;
- e) Roda da inserção social: quem participa de movimentos e entidades e quem não participa; Dos que participam quais as organizações: Grupo Jovem? Sindicato? Associação? Cooperativa? Banco de Sementes? Pastorais? Etc..
- f) Roda das etnias: roda de quem se identifica como negro, indígena, branco, outros...
- g) Roda das religiões: evangélicos, católicos, espíritas, candomblé, ateus, outros...



EAC203 - Encontro de Agentes Culturais Jovens Rurais. Paulo Afonso (BA), em 2005.

Para concluir este momento, @s facilitador@s apresentam as organizações de referência para o curso naquele município, ou naquela região, a saber, KOINONIA – Presença Ecumênica e Serviço, EQUIP – Escola de Formação Quilombo dos Palmares e demais parceiros, incluindo as organizações locais.

## 2. AÇÃO CULTURAL DE JUVENTUDES BRASILEIRAS DO CAMPO

### 2.1 - PARA COMEÇAR A CONVERSA

Vocês já devem ter participado de muitos cursos de formação. Nesses cursos, em geral, a gente procura partilhar informações que nos levem a poder compreender melhor nossa situação

presente e que nos instigue a agir nessa nossa realidade. A nossa ação pode ser para construir uma situação diferente e melhor daquela que nos encontramos nesse momento. Por isso, pode parecer que a proposta desse curso de Multiplicador@s Jovens de Ações Culturais não seja exatamente inovadora. Não tenham muita preocupação com isso. Afinal, podemos construir uma visão de nossa realidade e uma ação para melhorá-la, fundamentados em experiências anteriores.

## 2.2 - O QUE A GENTE QUER COM ESSA CONVERSA?

Primeiro, a gente quer organizar um conjunto de informações que permita cada uma das pessoas jovens, participantes desse processo, nuclear outros jovens na própria comunidade para realizar com a comunidade um diagnóstico das situações locais e construir ações locais a partir desses diagnósticos.

Em segundo lugar, a gente pretende que os jovens possam estabelecer o ritmo em que o diagnóstico, o planejamento, as ações e as avaliações das ações irão acontecer.

Em terceiro lugar, a gente pretende que essas ações construídas sejam uma ação cultural da juventude rural.



## 2.3 - PORQUE ESTAMOS FALANDO EM AÇÃO CULTURAL?

Porque, na nossa perspectiva, estamos realizando um processo centrado na criatividade e no modo de ser e de se comportar que a juventude rural, no seu espaço próprio, do seu jeito, constrói.

Então, é isso. Essa nossa conversa pretende ajudar a construir ações a partir de nossa inserção local no nosso sítio, na nossa co-

munidade, na nossa agrovila, nosso assentamento ou acampamento. E o município? E a região? E os Estados? E o Brasil? E o Mundo? Calma!

Nós vamos precisar nos articular em redes de jovens que façam essas experiências locais serem expressão de uma vontade coletiva e que façam com que os interesses coletivos estejam presentes em nossa ação local.

Por isso, nossa experiência vai, também, lidar com uma temática transversal que é agir para afirmar, promover, reparar e garantir nossos direitos humanos. Direitos que são econômicos (trabalhar, usufruir dos frutos do trabalho, etc), sociais (constituir família, ter acesso à educação, ao lazer, etc), culturais (afirmar nossa identidade camponesa, nossa raça e etnia, nossa orientação sexual, etc) e ambientais (agricultura que não agrida ao meio-ambiente, promoção de aterro sanitário, acesso ao saneamento básico, etc). E dessa forma, promoveremos, também, e especialmente os direitos da juventude e o desenvolvimento rural sustentável e solidário.

## 2.4. – METODOLOGIA GERAL DO CURSO DE FORMAÇÃO DE AGENTES CULTURAIS JOVENS RURAIS

O Curso será realizado em três etapas nas quais iremos fazer o seguinte percurso metodológico:

**1ª ETAPA:** refletir sobre o que é uma ação cultural e o significado do mundo rural e da Identidade rural para a vida da juventude. Também vamos trocar idéias de como fazer uma ação cultural e construir os primeiros passos das ações culturais que serão desenvolvidas nos grupos de base nas comunidades e municípios:

**2ª ETAPA:** refletir sobre instrumentos de construção de um processo de Diagnóstico Participativo, Planejamento, Moni-

toramento e Avaliação; também vamos debater sobre ação cultural em rede. E, por fim, vamos aprimorar o planejamento das ações culturais que foram iniciadas na 1ª etapa;

**3ª ETAPA:** avaliar todo o processo do curso de multiplicador@s e construir um modelo político-pedagógico de formação para ação permanente. Um modelo que perceba o processo - diagnóstico, planejamento, ação, avaliação e celebração. Além disso, sirva de subsídio para outras ações multiplicadoras.

Esta é a proposta e esperamos contar com vocês em todo o processo.

### 3. CONSTRUINDO NOSSA IDENTIDADE

Como percebemos na construção da roda das identidades, somos jovens, homens e mulheres que viemos de lugares diferentes, temos perfil diferente e também elementos em comuns. Mas será que as nossas histórias de vida se parecem em alguns aspectos? Nossa militância se encontra em alguma das caminhadas? Nossos desafios são parecidos ou diferentes?

Enfim, que tal nos conhecermos um pouco mais e discutir o que nos une, ou seja, verificar que identidade coletiva é possível construir nesse grupo?

Para vivenciar este momento de construção da identidade do grupo, vivenciaremos a técnica do álbum de retratos.

Para isto, cada um pegará uma folha de papel e um pincel piloto. Com esse material fará fotos para o álbum de retrato. Nesse retrato cada um vai desenhar um objeto, um animal, uma planta, com que se identifica: você se identifica com alguma coisa?

Após a elaboração individual do retrato, cada participante, o próprio retrato e dirá o significado da fotografia.

Nosso desafio coletivo é identificar os elementos comuns e diferentes que conformam a identidade do grupo.

Será que somos uma ou muitas juventudes camponesas? Nos sertões de Alagoas, Bahia e Pernambuco? Nas Zonas Rurais do Rio de Janeiro?

Facilitad@r colaborará mais nesse momento, na tentativa de ajudar a visualizar a fotografia coletiva do grupo: elementos comuns e diferentes.

## 4. REFLETINDO SOBRE AS TEMÁTICAS DO CURSO

Agora vamos refletir sobre o tema central desta etapa do nosso curso. Para isto, faremos coletivamente uma leitura dinâmica do texto, a seguir:

### 4.1 - O QUE É AÇÃO CULTURAL?

Vamos construir coletivamente ações sociais. Essas ações terão um impacto em nossa vida pessoal e na vida de nossa comunidade. Essas ações serão frutos da rede de relações que estabelecemos no nosso dia-a-dia com as nossas famílias (mães, pais, irmãs, irmãos, tias, tios, primas, primos, etc.) e com as nossas vizinhas e vizinhos; relações que nascem dos nossos envolvimento em processos produtivos (agricultura, serviços, etc.), educacionais (cursos, escola, etc.), sociais (bailes, clubes, bares, igrejas, etc.).

Todas essas relações do dia-a-dia estão banhadas de cultura. A cultura é igual a água para o peixe: ele não a percebe,

mas não vive sem ela. Não a percebe claramente porque está mergulhado e banhado nela. Não vive sem ela porque ela é necessária para a sua sobrevivência. Então, cultura não tem que ver apenas com escolarização. Todo mundo tem cultura: engenheiros agrônomos e camponeses são tão cultos uns quanto os outros, gente que vive na cidade e gente que vive no campo tem tanta cultura uns quanto os outros.

A cultura está no nosso modo de ser, de se comportar, de se vestir, de festejar, de celebrar. Nossas ações sociais são marcadas por nossa cultura. Cada comunidade humana constrói um modo de ser próprio, particular, cultiva valores que outras comunidades não cultivam; histórias, tradições, festejos e celebrações. Essa particularidade se revela no modo de assumir o mundo do trabalho e, também, no modo com o qual se valorizam as relações entre os sexos, o respeito às diferenças de gênero, geracionais e étnicas. É a valorização dos processos de aprendizagem.

A cultura é o conjunto de tradições e de imaginação criativa das comunidades. É também o conjunto de processos de aprendizagem, informais – como esse curso, por exemplo – e formais – como a escolarização. Todo mundo tem cultura. Ninguém é ignorante em relação à própria cultura.

A ação cultural nasce da valorização do espaço local como o ambiente privilegiado da cultura. Cada agente cultural cria em sua comunidade uma forma de atuação que é mobilizadora. Todo ser humano é mobilizador. Mobiliza as pessoas que estão ao seu redor. Quando a gente faz aniversário, muitas vezes, as pessoas comemoram em casa, chamam os amigos, os parentes, fazem festa. Festa do santo na cidade, muita gente, missa na igreja, festa na rua. Mês de junho, festa junina. Dentro da escola muitas vezes as professoras e os professores, algumas vezes as alunas e os alunos promovem ações coletivas, como torneios desportivos ou feiras de ciência. Falta alguma coisa para a vida ser feliz? Em resposta a isso, muitas vezes as pessoas se organizam e mobilizam para reivindicar o que é direito. Há muitas formas de mobilização.

Essa mobilização sempre acontece por algum motivo. Sem mo-

tivação não há mobilização. As pessoas não costumam ficar juntas para fazer nada, e quando o fazer nada é coletivo, já não é mais fazer nada, mas é fazer junto alguma coisa.

A ação cultural é uma mobilização das pessoas, uma mobilização coletiva que se dá a partir de alguma motivação. O que significa que a ação cultural tem uma motivação? Que ela atende a alguma necessidade da localidade. O diferencial em nossa proposta é que essa ação cultural deve promover direitos e um modelo de desenvolvimento sustentável e solidário. Os agentes culturais promovem a partir dos modos culturais da localidade, atendendo a necessidades e direitos, que motivam às pessoas, para construir uma ação coletiva.

A ação cultural acontece de várias formas. Pode ser uma roda de conversa, uma festa, um círculo de leitura, uma peça teatral, um cineclube, uma horta comunitária, um festival da juventude rural. Por meio dela as pessoas se dão conta de situações e provocam atitudes e ações, porque são fruto de um processo de muita conversa coletiva. Ação cultural é um modo de atuar que parte das possibilidades motivadoras locais para construir ações locais...

### **Para conversar:**

- Você conhece alguma ação cultural que já houve no seu município? Em caso afirmativo, conte como foi? O que mais gostou? Quais dificuldades notou?
- O que você acha de ser um agente cultural? Quais as características que teria um agente cultural?

Roda de conversa em plenário: breves falas d@s participantes

Facilitad@r elabora, com o grupo, a síntese da conversa

## 4.2 - CONTINUANDO A CONVERSA....

Vimos no álbum de retratos que viemos de lugares diferentes. Vivemos nossa infância e adolescência contemplando várias paisagens e convivendo com diversas pessoas. Portanto, somos jovens rurais, com marcas e heranças culturais, estabelecidas na relação com as pessoas e com a natureza. Mas, que mundo rural é este que estamos falando? Como a juventude está inserida? Vamos conversar um pouco sobre isto?



3ª Etapa do Curso de Agentes Culturais Jovens Rurais das turmas SMSF e do Sertão de Alagoas. Paulo Afonso (BA), em novembro de 2007.

Para continuar a conversa tratando do mundo rural vamos, novamente, realizar um trabalho de grupo e fazer uma oficina de leitura do texto abaixo. Após à leitura e conversa sobre o texto, cada oficina produzirá uma FOTOGRAFIA do lugar que vive para complementar nosso álbum de retrato. Vamos iniciar as oficinas?

Divisão dos grupos por proximidade geográfica ou características comuns do lugar que vive,

Oficina de leitura do texto, a seguir, nos pequenos grupos.

## 4.3 - O MUNDO RURAL BRASILEIRO E A JUVENTUDE<sup>1</sup>

*O Brasil é um país imenso e com muitas diferenças: econômicas, sociais, culturais, políticas e religiosas. Num país com tantas diferenças o mundo rural também apresenta diversidades significativas.*

<sup>1</sup> Neste texto privilegia as regiões rurais do sertão nordestino nos estados de Alagoas, Bahia e Pernambuco, bem como da área rural do Estado do Rio de Janeiro.

*O mundo rural nos últimos 30 anos vem passando por processos profundos de transformação. De um lado, assistimos o crescimento dos grandes complexos agro industriais, com a modernização tecnológica da agricultura e a produção em grande escala de grãos, frutas, cana-de-açúcar, agropecuária, pescados e outros produtos extrativistas. De outro, tem se agravado a crise no setor agrícola, com o aumento do desemprego e a exclusão de parcela significativa de agricultores familiares.*

*Terra e renda são concentradas nos grandes empreendimentos e grupos oligárquicos, que não têm preocupação com o desenvolvimento sustentável da agricultura. Em função disto assistimos a degradação do meio ambiente devido às técnicas agrícolas predatórias; as péssimas condições de trabalho para@s assalariad@s rurais; a desestruturação dos serviços de assistência técnica; e, a priorização do crédito agrícola para os grandes empreendimentos.*

*A explicação econômica é que o agronegócio é responsável por 36% de toda a exportação do Brasil (IBGE, 2007). Porém, é a agricultura familiar que emprega 95% da mão-de-obra no campo, e é responsável por 56% de toda atividade agrícola, além de produzir 40% do Produto Interno Bruto, PIB (IBGE, 2007).*

*Apesar de várias conquistas dos movimentos sociais do campo, que, por exemplo, por meio do Grito da Terra conseguiu incluir várias linhas de crédito para a agricultura familiar, assim como assegurar o acesso ao crédito agrícola e fundiário para as mulheres e os jovens; e fazer avançar a bandeira da Reforma Agrária, as políticas de agricultura ainda beneficiam mais o agronegócio que a agricultura familiar.*

*O mundo rural brasileiro tem se diversificado muito. Há muitas lutas das comunidades tradicionais, pescadores artesanais, quilombolas. As organizações de mulheres camponesas também têm crescido. O movimento por Reforma Agrária não se interrompeu nos últimos 30 anos. O movimento sindical de trabalhadoras e trabalhadores rurais têm se mantido firme na luta pelos direitos dos trabalhadores rurais nos últimos 30 anos. E há a novidade da questão dos direitos da juventude no interior dos movimentos sociais do campo.*

## ***E o mundo rural sertanejo e fluminense também tem tantas diferenças e desigualdades?***

O mundo rural é um celeiro cultural e palco de muitas lutas, pois o povo tem histórias lindas de resistência e aprendizados diversos. A economia rural também resistiu aos inúmeros processos de exclusão e a Agricultura Familiar sobreviveu em meio às adversidades. Isso é verdade no sertão nordestino de Alagoas, Bahia e Pernambuco, assim como nas áreas rurais do estado do Rio de Janeiro.

A região sertaneja é marcada por condições climáticas adversas, dada as chuvas escassas. Por isto o grande desafio colocado para a população é a convivência com a seca, com o semi-árido. Porém, nos últimos tempos, o povo sertanejo tem mudado sua compreensão sobre a região semi-árida e entendido que a região não vai mudar suas características. O que se precisa é ser criativo e elaborar muitas formas de convivência com a região e as mudanças climáticas.

Do ponto de vista econômico temos no mundo rural sertanejo também situações diferenciadas, a exemplo do que ocorre com a agricultura brasileira. Convivemos com grandes áreas de pecuária extensiva patronal - onde predomina a presença do assalariamento temporário, com muitas áreas de agricultura familiar que desenvolvem a caprinocultura e a produção de culturas de ciclo curto.

É uma região de grandes latifúndios que concentram terra, renda e água, mas, também existem vários assentamentos, fruto da luta dos trabalhadores sem terra, organizados em diferentes movimentos agrários.

Nas regiões da Bacia Leiteira, Médio e Alto Sertão de Alagoas há muita produção de subsistência, em especial nas áreas secas. Existe muita fruticultura e criação de gado de pequeno porte. Há muitas associações e cooperativas de pequenos produtores. Expandem-se o processo de bancos de sementes, dos quais um dos protagonistas é a Coppabacs – Cooperativa dos pequenos produtores de bancos comunitários de sementes. O movimento sindical de trabalhadoras e trabalhadores rurais tem se aberto à juventude.

*Este sertão é, também, uma região em parcialmente banhada pelo Rio São Francisco, aí as diferenças também se apresentam. Temos, a agricultura irrigada. Nestes perímetros de agricultura irrigada temos visto crescer a fruticultura. Nesta, existem experiências das grandes empresas com o desenvolvimento da agricultura irrigada, com produção de fruticultura em regime de assalariamento rural, no eixo Petrolina-Juazeiro. E tem, por outro lado, as experiências dos projetos de reassentamento irrigado em Itaparica (BA/PE), que implementam agricultura irrigada, com produção de fruticultura em regime de economia familiar e organizações cooperativistas – uma conquista da luta protagonizada pelo Pólo Sindical das Trabalhadoras e Trabalhadores Rurais do Submédio São Francisco.*

*Nas margens do Rio São Francisco convive também a população ribeirinha - que mesmo sendo vítima dos grandes projetos das empresas de pescada e excluída das políticas públicas - conseguem desenvolver alternativas de geração de renda e mantêm a identidade de pequenos pescadores e cooperativas de piscicultura.*

*Nas áreas rurais fluminenses temos outros regimes de produção. Na serra a principal produção é de horticultura e horti-frutigranjeira. Em pequenas propriedades, principalmente. Na região dos Lagos, há agropecuária e, sobretudo fruticultura. Na região da Baixada, há pequenas propriedades familiares que produzem hortifrutí. Na região Sul, há concentração de latifúndios, muita hotelaria rural, mas, também, pequenas propriedades e assentamentos rurais. Nos últimos dez anos tem havido muito conflito agrário, pela luta por Reforma Agrária e pela luta dos Quilombolas. Um dos protagonistas desta luta é a Federação de Trabalhadores na Agricultura do estado do Rio de Janeiro (Fetag-RJ).*

*Por meio das lutas sociais, também, estamos assistindo novos modelos de agricultura: a agricultura orgânica ou a agroecologia. Até mesmo com a formação de cooperativas de agricultores orgânicos em diversas áreas.*

*Enfim, existem diferentes formas de relacionamento dos agricul-*

*tores e agricultoras com a terra e com a produção rural, o que caracteriza uma diversidade também nas relações de trabalho e no jeito de assumir a Identidade. Entre os trabalhadores rurais encontramos assalariados, assentados, sem terra, agricultores familiares, reassentados, pescadores, rendeiros, meeiros, ribeirinhos. Porém, todos têm uma identidade comum: são parte do mundo rural .*

*Na região sertaneja nordestina e nas zonas rurais fluminenses existem também diferenças e semelhanças nos aspectos políticos, sociais e culturais. Na música, por exemplo, convivemos do forró ao frevo, passando pelo axé e pelas músicas de vaquejada, há também a música sertaneja, romântica, a seresta. Os costumes do povo revelam símbolos de resistência, de luta, de acolhimento, de religiosidade, entre outras questões que afirmam o modo de ser e de viver dos sertanejos.*

### ***E a juventude rural? Quais são seus desafios?***

*Ora ser jovem é um momento de transformação, de grandes amizades, dos amores, das mudanças físicas no corpo, da independência e do desenvolvimento. Juventude é uma fase onde se enfrenta o medo, as repressões, os limites e os desafios. Por isto é um momento de conflito e de amadurecimento para a vida. Todo jovem passa por isto, seja ele homem ou mulher, da cidade ou do campo.*

*No entanto, existem diferenças do jovem da cidade para os jovens rurais, no jeito de viver, nos costumes e nas relações estabelecidas com o meio social e a natureza. São diferenças que não significam que um é melhor que outro, mas, que os desafios e as oportunidades são diferentes.*

*O jovem rural é parte do contexto sócio, econômico e cultural da realidade retratada, portanto, as diferenças e dilemas da realidade do mundo rural também são problemáticas da juventude. Todavia, a juventude rural tem enfrentado, ainda, problemas específicos, fruto de um processo de desenvolvimento da agricultura que não contempla este seguimento social.*

*Podemos lembrar algumas questões específicas que atualmente*

*atinge a juventude, tais como: a falta de valorização da agricultura familiar não possibilitando a inclusão dos jovens; a ausência de uma educação de qualidade; falta de políticas públicas, em especial na área de esporte, cultura, lazer, crédito e assistência técnica; desemprego; alto índice de doenças epidêmicas (DSTs e AIDS); proliferação das drogas; violência com crescentes índices de mortalidade da juventude, entre outros.*

*A juventude rural tem capacidade de resistência, criatividade e imaginação profética, e muita garra. Essa juventude tem participado de vários movimentos sociais e organizações populares; os jovens estão presentes nas lutas por terra, crédito, água, segurança e outras políticas públicas. Há muitos talentos artísticos; existem experiências exitosas de geração de trabalho e renda, inclusive com investimento na agroecologia. Enfim, a juventude rural, do seu jeito, é protagonista da construção de um Brasil diferente, porque acredita e faz ser verdade um novo mundo possível.*

Que tal a gente partilhar saberes sobre a realidade do mundo rural e da juventude, a partir do nosso lugar?

Vamos construir outra fotografia para compor nosso álbum de retrato?

Facilitad@r orienta @s participantes das oficinas para depois da leitura do texto, dar os seguintes passos:

Conversar nas oficinas sobre a vida e o lugar de cada um;

Construir um cartaz com desenhos que retrate a realidade da agricultura e da juventude rural sertaneja do local (fotografia);

Apresentar no plenário o resultado das oficinas: mostrando as fotografias;

Plenária: socialização e debate;

Síntese de aprofundamento da temática.

#### 4.4 - CONTINUANDO A CONVERSA, PORÉM, CONCLUINDO A RODA DE REFLEXÕES TEMÁTICAS...

Que tal darmos mais um passo na nossa conversa e concluir nossa reflexão falando um pouco da realidade dos Movimentos Sociais Rurais e organizações camponesas que existem na nossa região? Vamos novamente dar uma olhada no álbum de fotografias e verificar: quantos de nós temos relação com movimentos sociais e organizações do campo?

O que conhecemos desses movimentos e entidades na nossa região? E especificamente do Movimento Sindical dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais (MSTTR)?

- Cochichos e socialização na plenária

Talvez conheçamos pouco as organizações do campo isto poderia ser porque estas entidades têm dificuldade de se aproximar da juventude rural. Então, que tal a gente conhecer um pouco da história dos movimentos sociais do campo, a exemplo do sindicalismo rural?

### 5. PLANEJANDO AS AÇÕES CULTURAIS

A tarefa final desta etapa do curso é iniciar o planejamento de uma ação cultural para ser realizada em cada comunidade ou município com a juventude rural.

Na próxima etapa vamos iniciar resgatando os passos construídos da atividade e vamos aprofundar a discussão sobre planejamento, monitoramento e avaliação.

Então, cada participante vai escolher uma comunidade para desenvolver uma ação cultural. Porém, para que vocês, sozinhos ou em grupos, escolham a ação cultural que vão desenvolver, é importante observar os seguintes critérios:

- **Critério 1:** valem ações que forem capazes de juntar e motivar jovens rurais a construir juntos a ação;
- **Critério 2:** valem ações que tenham como foco a melhoria da qualidade de vida, a luta em torno dos direitos da juventude camponesa
- **Critério 3:** valem ações que tenham caráter multiplicador ou que envolva outras organizações (igrejas, escolas, sindicatos, associações etc.);
- **Critério 4:** valem ações que resgatem a memória das lutas sociais e apontem para uma nova luta social;
- **Critério 5:** valem ações que tiverem impacto na relação d@s agricultor@s com o MSTTR e outros movimentos sociais;
- **Critério 6:** valem ações que tornarem possíveis políticas públicas no município e/ou na região.

Agora vamos nos reunir em grupo e pensar um pouco o processo de construção da atividade, a saber:

Município/ Comunidade	Tipo de Ação Cultural	Objetivos gerais	Responsáveis p/ coordenação

- Apresentação das sugestões das Ações Culturais
- Facilitad@r intervir para a definição melhor do quadro das Ações Culturais que serão realizadas.

Agora que já escolhemos as ações culturais temos que ter elementos comuns para nortear o planejamento das mesmas. Portanto, a TAREFA de vocês até a 2ª ETAPA DO CURSO será de construir um DIAGNÓSTICO da realidade local, que servirá de subsídio para planejar os próximos passos das ações.

Para construção do DIAGNÓSTICO vamos seguir o ROTEIRO abaixo:

### **1) Perfil da juventude rural de sua comunidade:**

- Faixa etária
- Grau de escolaridade
- Atividades profissionais
- Formas de se divertir (lazer)
- Organizações que participam (verificar percentual de inserção)

### **2) Principais problemas que afetam a vida da comunidade e d@s jovens rurais dessa comunidade**

### **3) Formas de enfrentamento desses problemas por organizações da comunidade, com destaque para aquelas de juventude rural**

### **4) Principais potencialidades dessas organizações e da juventude rural**

Há um texto sobre diagnóstico participativo com um modelo de roteiro de relatório para o mesmo. Também deve-se usar o instrumento de monitoramento dos Dhesca (Direitos Humanos Econômicos, Sociais, Culturais e Ambientais) e dos Direitos da Juventude para a realização do diagnóstico. Na 2ª etapa os conteúdos serão Planejamento e Monitoramento. Nela daremos continuidade ao planejamento das ações culturais.

## **6. AVALIANDO A ETAPA DO CURSO**

Pois bem, estamos chegando ao final desta etapa. Nossa última tarefa é avaliar este processo que vivenciamos até o momento. Vamos fazer isto, construindo outra FOTOGRAFIA, que expresse a resposta das seguintes questões:

- Com que sentimento eu saio desta etapa?
- O que destaco como coisas boas?
- O que destaco como coisas que devem melhorar?

Após a socialização das fotografias, encerramos a etapa, com um abraço coletivo e cantando uma canção que expresse o sentimento coletivo.

**Ficamos por aqui, até a próxima etapa!**

# 2ª ETAPA

CURSO

## FORMAÇÃO DE AGENTES CULTURAIS JOVENS RURAIS

### 1. ACOLHIDA E APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA DE TRABALHO DA ETAPA

Facilitador@s acolhem tod@s na roda com uma música de boas vindas e segue convidando para serem acolhidos no centro da roda os presentes, por comunidade/município. Cada grupo acolhido agradece e apresenta sua motivação para essa etapa com uma expressão própria de sua região (poesia, gesto, cordel e etc). Caso seja necessário, ao fim das acolhidas e apresentações, é importante chamar a atenção para possíveis ausências ou renovação de presenças no grupo.



Curso de Formação de Monitores. Em Glória (BA), em junho de 2009.

### 2. REINICIANDO A CONVERSA...

Na última vez que nos encontramos tivemos muitas conversas e combinamos realizações. Demos os primeiros passos para realização de ações culturais com a juventude rural de nossa comunidade.

Vamos lembrar que ações culturais combinamos realizar?

Município Comunidade	Tipo de Atividade Cultural	Objetivos gerais da atividade	Responsáveis pela coordenação

Facilitad@r realiza o preenchimento do quadro acima, resgatando as ações culturais que foram definidas na 1ª etapa.

Nesta etapa vamos retomar a conversa e detalhar melhor o planejamento das nossas ações culturais. Para fazer isto vamos seguir alguns passos:

Registrar os elementos do diagnóstico que fizemos na comunidade  
Debater o significado do PLANEJAMENTO e os passos que ainda são necessários para realizar as ações culturais;  
E, ainda, discutir “o que é” e “qual a importância” do monitoramento das ações planejadas.

E então, vamos recomeçar nossas tarefas?

### 3. CONSTRUINDO PROCESSOS DE PLANEJAMENTO E MONITORAMENTO

#### 3.1 - CICLO DO PLANEJAMENTO

Para iniciar nossa conversa, vamos primeiro saber o que cada um de vocês sabe de Planejamento. Para vocês, o que é planejamento?

@s facilitador@s registram as idéias no quadro e incenti-



vam a conversa para construir elementos comuns sobre o significado de Planejamento

Em seguida, conduzem a técnica dos ciclos (realidade, desejo, futuro) para fixar a idéia e a importância do planejamento.

**FACILITAD@R:** Para fazer a técnica dos ciclos, o grupo deve ser subdividido. Em cochicho o pessoal deve debater e apresentar criativamente os três momentos, abaixo, descritos:

**REALIDADE:** É a indicação de como está a situação agora, e o que na situação reclama uma ação cultural transformadora que tornará aquela realidade melhor. Ou seja, trata-se de indicar a REALIDADE COM OS SEUS PROBLEMAS.

**DESEJO:** É a indicação de como pretendemos ter a realidade alterada, em sua nova configuração, depois da ação cultural transformadora que realizaremos. É o nosso OBJETIVO SUPERIOR.

**FUTURO:** É a indicação de como a realidade ficará após à realização da ação cultural transformadora. Ou seja, é aquilo que temos condições de realizar de fato, a nossa META.

Pois bem. A nossa reflexão e o exercício servem para que a gente compreenda que PLANEJAMENTO É:

- Um instrumento importante de trabalho que ajuda a não improvisar e a pensar as ações com começo, meio e fim;
- Um processo de construção coletiva, onde as pessoas que planejam, participam do processo. Portanto, “planeja quem executa e executa quem planeja”.

Portanto, Planejar é “preparar-se para a viagem, para a jornada em direção ao que queremos”. Por isto, um processo de planejamento envolve definir rota, caminhos e objetivos.

Vamos aprofundar um pouco mais essa reflexão conhecendo o ciclo do planejamento.

Facilitad@r orienta a leitura coletiva no plenário dos passos abaixo:

## O CICLO DO PLANEJAMENTO

Para uma ação cultural acontecer é preciso saber:

1. Identificar os problemas e as necessidades
2. Avaliar as capacidades e potencialidades
3. Definir o objetivo a atingir
4. Decidir as ações que realizaremos
5. Fazer um plano de trabalho e uma lista dos recursos necessários
6. Construir meios de monitorar e avaliar com eficácia
7. Realizar o projeto
8. Interpretar os resultados

## COMO FAZEMOS ISSO PASSO A PASSO?

No primeiro passo, @ facilitad@r provoca a leitura e discussão coletiva dos momentos deste passo:

### 1º PASSO: Como identificar os problemas e as necessidades?

- a) A primeira coisa é saber qual a nossa situação comum, o que compartilhamos imediatamente, quais os problemas da juventude rural da nossa comunidade: falta de trabalho, alcoolismo, drogas, violência, falta de crédito para plantar, poluição, feiúra do lugar. Quais são as situações?
- b) Em continuidade, deveria ser visto quais as principais causas dessas situações, para que a ação cultural trabalhe sobre ela;

- c) Em seguida, podemos elencar quais as formas de enfrentamento dos problemas que a própria juventude e a comunidade vêm construindo;
- d) Depois eleger as necessidades prioritárias dos jovens rurais e os meios necessários para atendê-las (isso ficará claro a partir da lista dos problemas).

**Exemplo:**

- (a)um problema forte para a juventude rural pode ser a violência letal (aquela que mata) entre a juventude.
- (b)Isso pode ser causado por envolvimento da juventude com alcoolismo ou uso abusivo de drogas. Isso pode estar ligado à ausência de ocupação ou lazer.
- (c)Na comunidade existem grupos que promovem inserção d@s jovens no mercado de trabalho e que produzem iniciativas culturais com a juventude.
- (d)Como conseqüência, nossa ação promoverá ou ocupação, ou lazer, ou ambas as coisas.

○ grupo poderia dar outros exemplos?

**2º PASSO: Como avaliar as capacidades e potencialidades?**

Depois de definirmos os problemas e as necessidades, temos que verificar as capacidades e potencial, dos próprios jovens rurais e nosso, para enfrentar a necessidade.

Podemos então nos perguntar sobre as nossas forças, fraquezas, oportunidades e ameaças:

FORÇA	OPORTUNIDADE	FRAQUEZA	AMEAÇAS
Tudo o que nos anima	Apoio externos e talentos internos	Aquilo que temos que pode atrapalhar diante da necessidade	Desafios externos ao grupo que dificulta a ação diante da necessidade

Uma boa parte dessas informações nós já levantamos quando realizamos o diagnóstico na comunidade. A nossa tarefa agora é sistematizar as informações do diagnóstico que fizemos, para poder darmos continuidade às outras etapas do ciclo do planejamento.

Facilitad@r faz a divisão dos grupos de trabalho por municípios deste ponto em diante;

Orienta a construção dos 2 (dois) quadros de síntese, abaixo, a partir das informações que foram coletadas nos municípios (tarefa da 2ª. etapa - diagnóstico com as questões abaixo).

### Quadro do perfil dos jovens rurais

Município Comunidade	Faixa etária	Grau de escolarização	Em que trabalham	Formas de se divertir	Organizações que participam

### Quadro da realidade dos jovens rurais

Município Comunidade	Problemas prioritários	Formas de enfrentar os problemas	Potencialidades

Também devemos olhar como os Dhesca (Direitos Humanos Econômicos, Sociais, Culturais e Ambientais) e os Direitos da Juventude estão sendo implementados ou violados em nossas comunidades.

Diante disso, frente esse panorama vamos ter clareza se podemos ou se teremos que antes preparar o caminho para dar continuidade ao planejamento de nossas ações culturais.

***É bom lembrar. quem não pode com o pote,  
não mete a mão na rodilha.***

### **3º PASSO: Como definir o objetivo?**

Agir sem saber o que se quer com a ação é a pior coisa. É importante que o objetivo seja comum a toda a equipe. E, ainda, que o objetivo da ação cultural consiga mobilizar @s jovens rurais da comunidade. Não adianta querer realizar uma ação se não há um acordo ou motivação.

O objetivo é justamente a resposta aos problemas e necessidades. Com os objetivos indicamos os nossos desejos, que queremos alcançar por meio da nossa ação.

Então, vamos definir ou reorientar os OBJETIVOS das nossas ações culturais?

Devemos recordar que há um conjunto de critérios que não podemos deixar de considerar para a realização de nossas ações culturais, que estão indicados na página 24. (Facilitad@r solicita a leitura daquela página).

Facilitad@r orienta o cochicho por município para complemento do quadro abaixo, a partir das definições anteriores:



Curso de Formação de Monitores. Em Glória (BA), em junho de 2009.

Município/Comunidade	Tipo de ação cultural	Objetivos da ação cultural

## 4º PASSO: Plano de Ação

Sabendo o que queremos alcançar, fica mais fácil pensar no que vamos fazer para alcançar essa finalidade. Então, vamos concluir o Planejamento das nossas ações culturais, elaborando o Plano de Ação.

Facilitad@r dá as orientações gerais na plenária

Solicita que @s participantes retornem aos cochichos para concluir o planejamento da ação cultural, conforme quadro abaixo:

Município Comunidade	Tipo de Ação Cultural	Objetivos da Ação Cultural	Atividades	Prazos	Recursos Necessários	Responsáveis

***Não esquecer: “Planeja quem executa e executa quem planeja”. Portanto, este planejamento é para ser executado até a próxima etapa do curso.***

## 3.2 - O PROCESSO DE MONITORAMENTO

Como monitorar as Ações Culturais?

Decidindo o que pretendemos e como vamos atingir, precisamos escolher, então, os meios pelos quais vamos acompanhar o processo. Daí, porque estamos falando da necessidade de monitoramento das ações culturais.

**MONITORAR** quer dizer registrar, então temos que escolher as formas de registro da ação: relatórios escritos, fichas de avaliação das pessoas que se beneficiam com a ação, fotos das etapas de realização da ação, verificação se ao concluir a ação beneficiamos as pessoas que dissemos que íamos beneficiar;

**MONITORAR** é na verdade, acompanhar constantemente o andamento das atividades e seus resultados. E fazer com que as pessoas envolvidas percebam que seu trabalho tem um propósito e sintam-se motivadas para acompanhar o processo e a evolução das ações.

Então não podemos esquecer que monitoramento enfoca o processo periódico do trabalho planejado. Portanto, o monitoramento é feito do início ao fim do planejamento.

Para o monitoramento da ação cultural também deve-se utilizar o instrumento de monitoramento dos Dhesca (Direitos Humanos Econômicos, Sociais, Culturais e Ambientais) e dos Direitos da Juventude.

## 4. ORIENTAÇÕES GERAIS PARA AS AÇÕES CULTURAIS

Se nós queremos construir uma ação cultural que possa ter visibilidade, que gere impacto, que as pessoas e nós possamos enxergar o que está acontecendo, é necessário estar atento para alguns pontos importantes.

- Trabalhe com outros grupos e redes, bem organizado, fazendo uma coligação;
- Envolver um grande número de grupos comunitários (pessoal das escolas, grupos culturais, grupos desportivos, sindicato, cooperativa, associação);
- Estabeleça metas e objetivos realistas;
- Tenha um nome para essa coligação, além do nome do próprio grupo, crie uma identidade coletiva (Rede para...);
- Verifique se @s membr@s e associad@s estão de acordo com o objetivo;
- Estabeleça tarefas de curto prazo e objetivos de longo prazo.

## **Prepare**

Responda às inquietações e dúvidas das pessoas; explique a importância da ação que irá desenvolver;  
deixe material informativo para as pessoas após as reuniões;  
Prepare respostas que apoiem à causa que a ação se propõe a defender;  
Reaja às críticas;  
Procure manter a conversa sempre calma.

## **Eduque**

Ao próprio grupo;  
Ao público para o qual o grupo dirige a ação;  
As pessoas que na sua comunidade, município, são responsáveis por políticas que deveriam suprir aquela necessidade;  
Utilize os meios de comunicação existentes na comunidade para divulgar a ação que está realizando.

Estas orientações podem ajudar a uma ação ter um efeito mais percebido. É necessário estar sempre atento se estamos conseguindo avançar nessa direção.

Agir culturalmente é agir localmente, sempre procurando conferir um impacto. Uma diferença entre a situação que existia antes e a que passa a existir após a ação, com uma melhoria na qualidade da situação.

## **5. CONCLUINDO A CONVERSA**

As ações culturais que planejamos realizar têm como perspectiva mudar a vida da juventude rural. Por isto, é importante ter-

mos consciência de que o jovem rural é portador de direitos. Então, como cidadãos e cidadãs, @s jovens precisam ser protagonistas no exercício desses direitos.

Assim, vamos concluir o trabalho nesta 2ª etapa refletindo um pouco sobre juventude rural e os direitos humanos. Vamos fazer isto coletivamente?

Facilitad@r orienta a leitura dinâmica do texto abaixo

### **Porque Direitos Humanos?**

*Nossa ação, como agentes culturais transformadores é afirmadora de direitos. O direito mais fundamental e elementar é o de estar vivo e usufruir de uma vida com dignidade. Para isso, a gente quer que as nossas necessidades sejam atendidas. Quais necessidades? Todo mundo precisa de alimentação saudável, água potável, acesso ao trabalho produtivo, habitação, atendimento preventivo e curativo da saúde, atendimento educacional, afirmação da identidade cultural, um meio ambiente que não ameace à vida (humana, animal e vegetal) e, também, divertimento e lazer. Essas são algumas das necessidades fundamentais.*

*Para que essas necessidades sejam atendidas é necessário que a sociedade esteja organizada, mobilizada e possa construir os meios para que esses direitos sejam assegurados. O não atendimento a essas necessidades é uma violação de direitos. Para que aquelas necessidades sejam atendidas, precisamos estar no gozo do direito de ir e vir, de formar grupos sociais de pressão, de se associar livremente, de ter assegurada a integridade física, de não ser discriminado por cor, raça, gênero, opção sexual, condição social e crença religiosa ou filosófica ou ideológica.*

*O primeiro grupo de necessidades corresponde a alguns dos direitos econômicos, sociais, culturais e ambientais. O segundo grupo corresponde a alguns dos direitos civis e políticos. Esses direitos são interdependentes e equivalentes, ou seja, eles valem todos em conjunto e igualmente.*

Os direitos humanos são um meio de tomar o Estado e a sociedade responsáveis diante da realidade de indivíduos e grupos sociais vulneráveis e das futuras gerações: há muitas situações atuais de insegurança em relação à realização dos direitos e há o risco de não garantirmos o usufruto futuro dos direitos. Por isso é necessário que:

*Procuremos tomar de conhecimento público o conjunto dos direitos humanos;*

*Usemos como termos de referência esses direitos para compreendermos nossa situação social;*

*Lutemos para Incluir a realização desses direitos nas agendas políticas dos municípios, estados e União;*

*Procuremos mobilizar o maior número de pessoas e organizações sociais para que esses direitos se tomem realidade.*

*Por isso, precisamos construir com as nossas organizações comunitárias meios de identificação das violações dos direitos humanos nas situações t/plcas de trabalho dessas organizações - por exemplo, uma situação social que é provocada por falta de uma política pública que impede o acesso ao trabalho é uma violação de direito econômico, ou uma situação social na qual as pessoas deixam de ter acesso à água potável por falta de uma política pública de abastecimento hídrico é uma violação de direito econômico.*

*A comunidade deve ser orientada a documentar as violações de direitos humanos para divulgá-las nacional e Internacionalmente. Isso deverá permitir que se articule as demandas de direitos humanos nacional e internacionalmente.*

*Para isso existe uma REDE de defensores dos direitos humanos, no Brasil e nos estados. Exemplo: no Submédio São Francisco existe o Centro de Defesa dos Direitos Humanos, vinculado ao Pólo. Nacionalmente, há o Movimento Nacional dos Direitos Humanos, que pode ser contatado.*

## 6. AVALIANDO A ETAPA DO CURSO

Trabalhamos bastante nessa etapa porque refletimos sobre duas ferramentas de trabalho: planejamento e monitoramento, a partir de uma prática concreta e, ainda, construímos coletivamente as ações culturais.

Agora, chegamos ao momento final e vamos avaliar esta etapa.

Facilitad@r orienta a dinâmica de avaliação;

A avaliação é socializada em plenária;

Concluiu este momento com uma roda, onde @s jovens cantam e dança uma música que expresse o sentimento da avaliação.

**Ficamos aqui nessa segunda etapa.  
Até a próxima!**

# 3ª ETAPA

CURSO

## FORMAÇÃO DE AGENTES CULTURAIS JOVENS RURAIS

### 1. ACOLHIDA

Facilitador@s iniciam com as boas vindas a tod@s. Forma uma roda e pede que cada participante escolha uma forma criativa para partilhar no centro da roda, como cada um/a, está chegando e qual a motivação que traz para esta última etapa para ser acolhida e/ou reproduzida como espelho por tod@s.

### 2. RETOMANDO A CONVERSA

Estamos concluindo esta etapa do processo educativo multiplicador que iniciamos com a juventude rural. Foi mais uma proposta de formação, construída coletivamente, que teve um processo de ousadia e credibilidade nas ações pensadas, planejadas, realizadas e avaliadas, pelas moças e rapazes, comprometidas com um sonho de um mundo rural desenvolvido de forma sustentável e aberto à participação de todos os setores. Um mundo rural no qual a democracia agrária fala mais alto. Um mundo rural da juventude.

A terceira etapa do curso tem como objetivo **AVALIAR** todo o processo educativo que foi realizado, aprofundando os resultados obtidos e desafios que a experiência revelou.

Nossa perspectiva inicial era construir com a juventude rural uma ampla visão sobre o que é uma ação cultural, como realizá-la. Queríamos ver como esta ação cultural contribuiria para uma ação cidadã e participativa, que cooperasse com o desenvolvimento rural sustentável da região. Procuramos pensar num processo no qual @s jovens rurais não apenas realizam ações, mas são @s criador@s e se apropriam das etapas da ação que realizam. No horizonte, o que permite o engajamento e assegura a continuidade é a memória da luta social da região e a identidade em vista de um projeto político libertário.

Portanto, nesta terceira etapa, que concluí o curso e aposta na continuidade das ações da juventude rural, vamos olhar para estas experiências com óculos de lentes ampliadas e críticas, verificando até que ponto nossa perspectiva conseguiu ser concretizada. Vamos avaliar, também, como podemos construir um modelo de ação educativa, que perceba o processo de diagnóstico - planejamento - monitoramento - avaliação - celebração - como fundamental servindo de subsídio para outras ações multiplicadoras.

Na segunda etapa do nosso curso retomamos as ações que planejamos realizar e também discutimos sobre o CICLO DE PLANEJAMENTO. Refletimos que para realização de uma ação cultural, que tenha impacto, seriam necessários alguns passos, tais como: identificar os problemas e as necessidades; avaliar as potencialidades d@s jovens e as nossas capacidades; definir os objetivos e um Plano de Ação. E, ainda, debatemos sobre instrumentos de monitoramento das ações culturais planejadas.

Compreendendo melhor o significado do instrumento planejamento, conseguimos concluir o planejamento das ações culturais que iríamos realizar com a juventude rural, tendo mais clareza dos objetivos, das atividades, dos recursos e das ferramentas que iríamos necessitar para fazer o monitoramento das ações.

Ainda naquela etapa refletimos sobre algumas orientações para realização de uma ação cultural que gerasse impacto na comunidade. Para isto, refletimos sobre algumas metodologias, formas e ferramentas de trabalho, tais como: trabalho em grupos e em redes; e preparação de algumas ações educativas.

Por fim, concluímos aquela etapa resgatando a reflexão sobre juventude rural e direitos humanos, reforçando assim a perspectiva político-pedagógica que buscamos imprimir as ações.

Pois bem, nesta terceira etapa, vamos **AVALIAR** as nossas ações e refletir mais sobre um instrumento necessário e fundamental para garantia dos resultados de nosso trabalho: a avaliação. Para isto, seguiremos alguns passos e iniciamos, na prática, o exercício pedagógico. Vamos lá

### 3. REFLETINDO SOBRE O PROCESSO DE AVALIAÇÃO

Para desenvolvermos um processo de avaliação das ações culturais é importante compreender o que é uma avaliação e alguns instrumentos pedagógicos que nos permitem realizar este processo.

Vamos conversar sobre o significado do processo de avaliação.

Facilitad@r orienta a leitura dinâmica do texto a seguir:

#### 3.1 - O QUE É AVALIAÇÃO?



É a análise global, qualitativa e quantitativa, do processo de organização, elaboração e execução da atividade que realizamos;

A **AVALIAÇÃO**, portanto, enfoca as medidas de impacto da ação na comunidade, destacando as questões que nos propomos a modificar;

Por isto, avaliar está relacionado às estratégias gerais de ação do trabalho. O objetivo da avaliação é mensurar os resultados e produtos obtidos pelas experiências realizadas, relacionando com o diagnóstico da realidade, aos objetivos e as metas estabelecidas no início do processo.

Neste sentido, a dinâmica do processo de avaliação:

Está centrada nos resultados das ações  
Está relacionada com as metas e objetivos  
Quem realiza pode ou não ter sido parte do processo  
Expressa as brechas entre o planejado e o que foi alcançado

Quanto à execução, podemos identificar diferentes maneiras de avaliar:

**Avaliação interna:** quando a equipe que executou a ação assume a tarefa de realizar o processo avaliativo;  
**Avaliação externa:** quando é feita por pessoas que não participaram da ação. Aqui @s avaliador@s exercem papel especializado, geralmente de consultoria contratada;  
**Avaliação mista:** é realizada pela equipe que executou a ação juntamente com avaliador@s externos. As duas equipes (interna e externa) trabalham juntas para alcançar um produto de melhor qualidade.

Um outro instrumento fundamental para um bom êxito da ação cultural que planejamos realizar é o monitoramento. Por isto mesmo, tratamos desse tema na 2ª etapa e elegemos algumas ferramentas para facilitar o processo de monitoramento. O monitoramento das ações durante todo processo de execução da atividade facilita muito a avaliação.

Então, não podemos esquecer que o monitoramento e a avaliação andam juntos. Ação cultural planejada é um processo e, na medida em que é um processo, precisa ser acompanhada de perto. E no final de sua execução tiramos as conclusões em relação ao que nos propomos quando fomos planejar.

Pois bem. Vamos avaliar as ações culturais que realizamos?

## 4. RESGATANDO E AVALIANDO O PROCESSO EDUCATIVO E AS AÇÕES CULTURAIS

O que vamos avaliar? Na segunda etapa iniciamos resgatando aquele conjunto de ações que a partir da primeira etapa elegemos realizar e planejamos cada um/a das ações nos municípios. Então. Vamos resgatar o Plano de Ação dos municípios?

Facilitad@r, em plenária, resgata com o grupo o quadro abaixo:

Município/ comunidade	Tipo de Ação cultural	Objetivos da Ação Cultural

Vale lembrar, que existem diferentes métodos e maneiras de realizar processos de avaliação, seja de trabalhos políticos, organizativos e educativos que realizamos, seja de ações culturais.

Para realizar a avaliação deste processo educativo e multiplicador que desenvolvemos com jovens rurais, tanto dos momentos de capacitação interna (as etapas deste curso), quanto do desenvolvimento das ações externas com outr@s jovens rurais (ações culturais na comunidade), utilizaremos uma metodologia de resgate do processo educativo para poder avaliarmos nossas práticas.



3ª Etapa do Curso de Formação de Agentes Culturais da turma do Sertão de Alagoas. Glória (BA), em novembro de 2008.

Para isto vamos vivenciar a dinâmica da **ÁRVORE**, que ajuda a resgatar nossas experiências e olhar com novos óculos para os seus resultados e limites.



Facilitad@r orientar que cada grupo que realizou a ação cultural se reúna e desenhe uma árvore. Cada parte da árvore deverá conter os elementos de resgate do processo e avaliação, que são:



Na **RAÍZ** da árvore serão recuperadas as ações e atividades que foram planejadas e objetivos,

Nos **GALHOS E FOLHAS** da árvore serão colocados o que realmente os grupos conseguiram realizar e multiplicar:



Os **ESPINHOS** são as dificuldades e os desafios encontrados na realização do trabalho:

Os **FRUTOS** são os resultados e as coisas boas que frutificaram das ações:



Facilitad@r orienta que a visualização dos resultados tenha como referência, sobretudo, os objetivos das ações culturais.



E as **SEMENTES** são os desdobramentos e as novas ações que se geraram a partir de cada ação que realizamos.

Feito este resgate vamos aprofundar o processo da avaliação, nos detendo nos resultados, nas dificuldades, nos desafios e nos desdobramentos.

Facilitad@r orienta a divisão em cochichos, por ação cultural planejada e/ou realizada, para dialogar sobre

as impressões acerca das diferentes experiências vivenciadas, aprofundando os elementos avaliativos das diversas ações culturais;

Plenária de apresentação dos cochichos e debates. Nesse cochicho, também, deve ser identificado o impacto da ação cultural em relação à implementação dos Dhesca (Direitos Humanos Econômicos, Sociais, Culturais e Ambientais) e dos Direitos da Juventude.

Facilitad@r - sintetiza os principais elementos, levando em conta: as dificuldades, os desafios, os resultados, os desdobramentos e as novas ações geradas.

## 5. CONSTRUINDO ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS PARA AS PRÁTICAS EDUCATIVAS E ORGANIZATIVAS

Todo esse processo avaliativo aponta limites e resultados do conjunto de ações culturais que desenvolvemos. Porém, para além disto, precisamos tirar lições dessa experiência que orientem as nossas práticas políticas, organizativas e pedagógicas. Lições que ajudem a construir um modelo educativo de uma ação permanente com a juventude rural. E, também, que despertem a necessidade de criar novas modalidades formativas.

Por isto mesmo, a nossa tarefa agora é construir orientações metodológicas para práticas organizativas e educativas de trabalho com juventude rural, tendo como referência a experiência vivenciada.

Facilitad@r: entrega aos participantes cartões (tarjetas) e pincéis para que os mesmos, no livre pensar, sugiram orientações metodológicas

Plenária: debate, acréscimos e consolidação das orientações.

## 6. AVALIANDO E CELEBRANDO

Vamos concluir este processo educativo avaliando o Curso de Multiplicador@s e todo percurso metodológico dessas três etapas. Para isto, vamos construir uma nova árvore, que visualize os processos, objetivos e resultado dessa experiência.

Então, vamos fazer cochichos e cada cochicho vai construir um pedacinho da árvore.

Facilitad@r - lembrar dos elementos que são: espinhos, frutos, sementes que compõem a árvore;

Orienta 3 (três) cochichos: um para fazer os espinhos; um para fazer os frutos; e, outro para fazer as sementes;

Plenária: construção final da árvore e aprofundamento dos elementos avaliativos

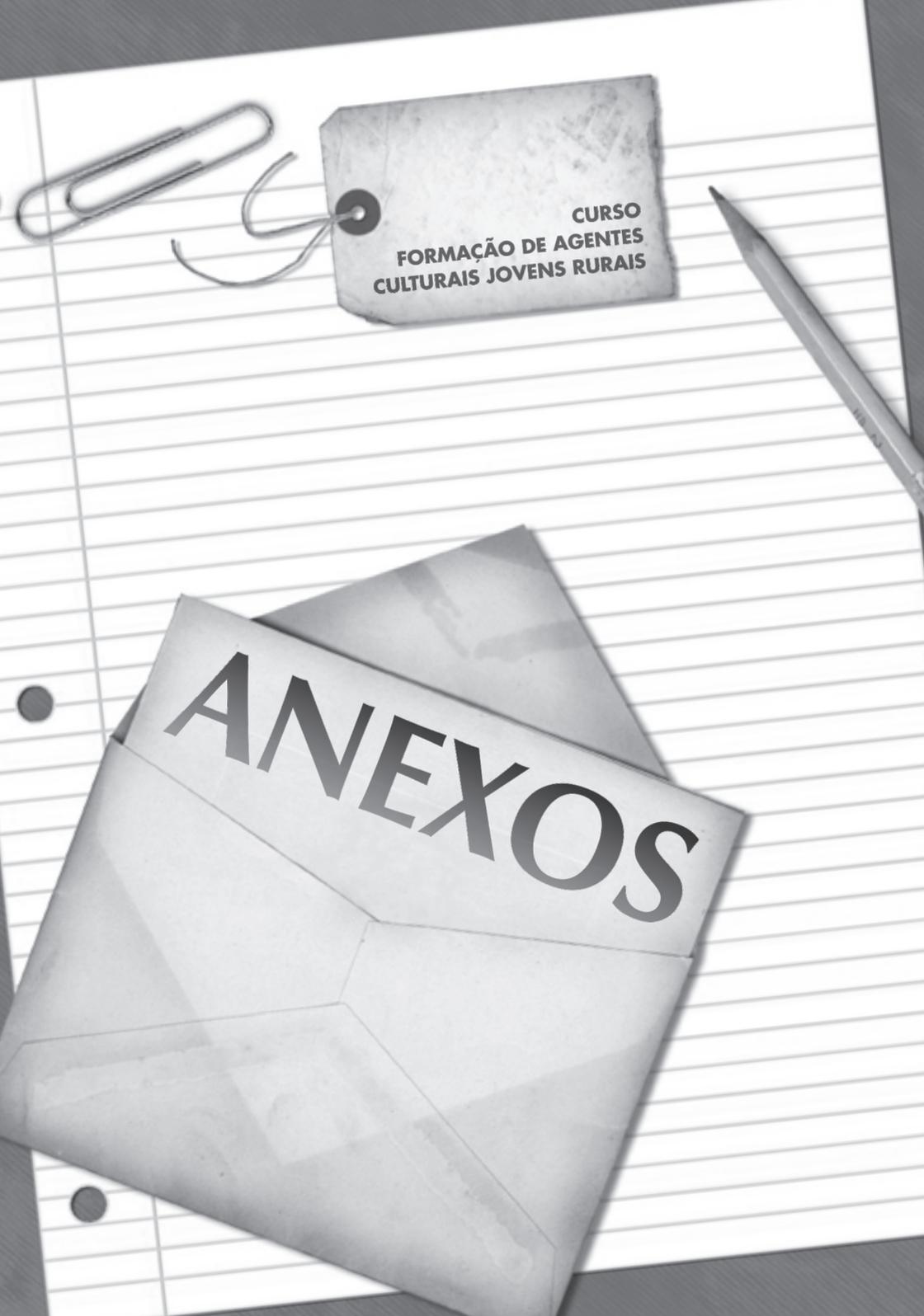
Facilitad@r sugere que o grupo também avalie o processo metodológico, o material pedagógico e @s facilitador@as.

Chegamos ao final não somente dessa etapa, mas de todo curso. Vamos então celebrar nossas vivências dançando na roda uma grande ciranda.

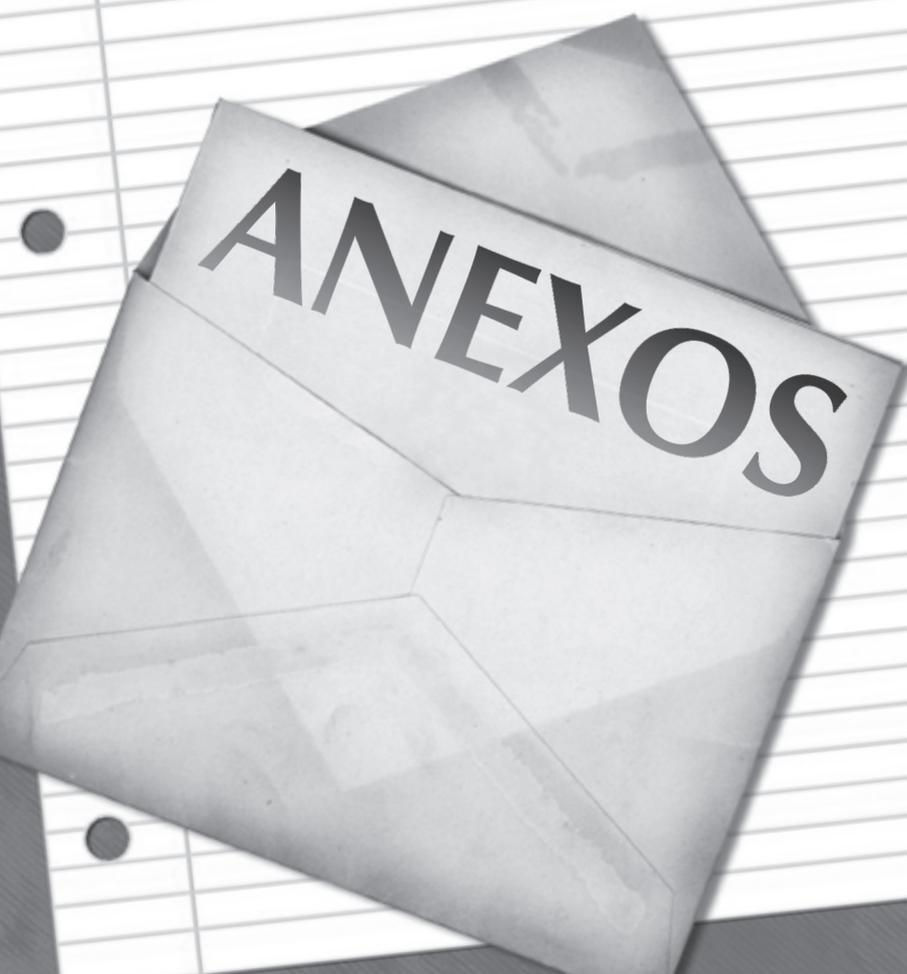
Facilitad@r: durante a dança vai sugerindo que cada participante diga uma palavra que simbolize o seu sentimento no momento;

A dança é encerrada com um abraço coletivo

**Ficamos por aqui.  
Um grande abraço.**

A black and white photograph of a lined notebook page. In the upper left, a silver paperclip is attached to a small, rectangular, textured paper tag. The tag has a hole punched on the left side. To the right of the tag, a pencil is positioned diagonally. The tag contains the text 'CURSO FORMAÇÃO DE AGENTES CULTURAIS JOVENS RURAIS'.

**CURSO  
FORMAÇÃO DE AGENTES  
CULTURAIS JOVENS RURAIS**

A black and white photograph of an open envelope lying on a lined notebook page. The envelope is partially open, showing its interior. The word 'ANEXOS' is printed in large, bold, black capital letters across the top flap of the envelope. The background is a lined notebook page with two hole punches visible on the left side.

**ANEXOS**

# ROTEIRO PARA O RELATÓRIO DO DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO DO CURSO DE AGENTES CULTURAIS JOVENS RURAIS

1. Responsável pelo Diagnóstico:
2. Município:
3. Comunidade:

## TABELA 1

Município Comunidade	Faixa etária	Grau de escolarização	Em que trabalham	Formas de se divertir	Organizações que participam

### Explicando a Tabela:

No campo Faixa etária, devem ser indicadas as quantidades de jovens distribuídas nas seguintes faixas etárias: 15 a 19; 20 a 24; 25 a 32.

No campo escolarização, devem ser indicadas as quantidades de jovens distribuídas nas seguintes classes: Não alfabetizado; Educação básica completa (1<sup>o</sup>. ao 9<sup>o</sup> ano); Educação básica incompleta; Ensino Médio completo (1<sup>a</sup> a 3<sup>a</sup> série); Ensino médio incompleto; Ensino superior completo; Ensino Superior incompleto.

No campo, em que trabalham, as quantidades devem ser distribuídas em atividade agrícola sem carteira assinada na agricultura familiar, atividade agrícola sem carteira assinada, atividade agrícola com carteira assinada, atividade não-agrícola com carteira assinada, atividade de não-agrícola sem carteira assinada, sem atividade.

No campo formas de se divertir, devem ser distribuídas quantidades para: barzinho com bebida alcoólica; barzinho sem bebida alcoólica; bailes de forró; bailes funk; esportes coletivos; e outros (indicar quais)

Organizações que participam, devem ser distribuídos em sindicatos de trabalhadores rurais, associações de produtores rurais, cooperativas rurais, clubes, igrejas, outros (indicar quais).

## TABELA 2

Município Comunidade	Problemas prioritári	Formas de enfrentar os problemas	Potencialidades

### Explicando a Tabela:

No campo Município/Comunidade deve-se indicar o local que é pesquisado;

No campo Problemas prioritários, devem se elencar os problemas indicando as quantidades de pessoas que os indicaram;

No campo formas de resolver os problemas, deve-se indicar as quantidades de referências às formas de solução existentes (organizações que já existem e podem até ser aliadas na construção da ação cultural). Atenção: pode haver mais que uma forma de solução para cada problema indicado e isto deverá aparecer neste quadro.

No campo potencialidades, deve-se indicar quais ações ou recursos desenvolvidos na comunidade podem contribuir para a solução dos problemas indicados (espaços existentes, pessoas capacitadas em ensinar a fazer uma determinada ação, etc).

# INSTRUMENTO DE MONITORAMENTO DOS Dhesca DURANTE O PROCESSO DE PLANEJAMENTO, EXECUÇÃO E AVALIAÇÃO DA AÇÃO CULTURAL<sup>1</sup>

Como saber se o nosso planejamento, execução e avaliação da ação cultural permitem promover os Dhesca? Este é o objetivo desse instrumento. É um instrumento simples, para aplicação direta ao projeto que se pretende desenvolver. Supõe a leitura do texto e anterior sobre o tema, a visita a algum daqueles sítios eletrônicos, a conversa em grupo, perguntas aos monitores presenciais e usando meios de comunicação eletrônica. Portanto, é para ser usado mesmo.

## PARA O PLANEJAMENTO

A questão básica é saber se o OBJETIVO da Ação Cultural proposta contribui para a efetivação de algum, ou alguns, direitos humanos econômicos, sociais, culturais e ambientais. Atenção! A Ação Cultural pode contribuir para um ou mais direitos de um ou mais desses campos. Como podemos checar isso?

**1º PASSO:** Devemos perguntar se algum Dhesca é violado em nossa comunidade e se o nosso objetivo procura contribuir para superar a violação desse direito.

Por exemplo, constatamos que @s jovens não têm acesso à terra, há um Dhesca violado. Então, o nosso objetivo vai indicar que de alguma forma contribuiremos para superar essa violação.

**2º PASSO:** Devemos verificar se o objetivo que apresentamos trabalha com a superação da causa da violação.

Por exemplo, se nosso objetivo afirma que vamos contribuir para que @s jovens tenham acesso à terra, pode ser muito amplo; talvez a gente deva avaliar: é necessário denunciar existência de latifúndios; é necessário formar grupos de jovem saber para acessar o crédito fundiário; é necessário formar grupos que ingressem nos movimentos sociais do campo de luta em favor da reforma agrária;

---

<sup>1</sup> Texto elaborado por Jorge Atilio Silva Iulianelli, educador popular, filósofo, assessor em KOINONIA – Presença Ecumênica e Serviço.

Na execução da Ação Cultural temos que verificar se nela a gente contribui para que os Dhesca sejam promovidos. Como?

**1º PASSO:** A realização da nossa ação permitiu que a comunidade refletisse sobre os Dhesca? Em caso afirmativo, como foi isso?

**2º PASSO:** A realização da nossa ação mobilizou a comunidade para superar a violação de algum Dhesca? Que produto essa mobilização gerou?

Por exemplo, no caso da negação do acesso à terra para a juventude rural, pode ser que se promova um debate sobre agricultura familiar e processo sucessório, e se discuta como @s filh@s de uma família de agricultor@s familiares pensa o futuro d@s filh@s como agricultor@s e como @s filh@s se pensam, ou não, no trato da terra. E o resultado pode ser um manifesto d@s jovens agricultor@s familiares sobre o processo sucessório na agricultura familiar, com recomendações ao governo para facilitar o acesso à terra para estes jovens.

**3º PASSO:** A realização da nossa ação efetivou algum Dhesca? Em caso afirmativo, qual?

*Por exemplo, pode ser que nossa ação tenha indicado um mecanismos de uso de equipamentos de cultura e lazer, que pode se tornar uma política pública do município.*

E como poderíamos checar na avaliação se nossa Ação Cultural contribuiu para a efetivação de algum Dhesca?

**ÚNICO PASSO:** Podemos buscar quantificar as pessoas que participaram efetivamente de conversas sobre os Dhesca e que passaram a ter mais informações sobre eles; e, também, podemos verificar se a qualidade dos Dhesca existentes antes da Ação Cultural foi melhorada. Isso nos permitirá ter dados quantitativos e qualitativos sobre o resultado da ação em relação aos Dhesca.

# INSTRUMENTO DE MONITORAMENTO DOS DIREITOS DA JUVENTUDE DURANTE O PROCESSO DE PLANEJAMENTO, EXECUÇÃO E AVALIAÇÃO DA AÇÃO CULTURAL<sup>1</sup>

Como saber se o nosso planejamento, execução e avaliação da ação cultural permitem promover os Direitos da Juventude? Este é o objetivo desse instrumento. É um instrumento simples, para aplicação direta ao projeto que se pretende desenvolver. Supõe a leitura do texto e anterior sobre o tema, a visita a algum daqueles sítios eletrônicos, a conversa em grupo, perguntas aos monitores presenciais e usando meios de comunicação eletrônica. Portanto, é para ser usado mesmo.

## PARA O PLANEJAMENTO

A questão básica é saber se o OBJETIVO da Ação Cultural proposta contribui para a efetivação de algum, ou alguns, direitos de juventude. Atenção! A Ação Cultural pode contribuir para um ou mais direitos de um ou mais desses campos. Como podemos checar isso?

**1º PASSO:** Devemos perguntar se algum Direito de Juventude é violado em nossa comunidade e se o nosso objetivo procura contribuir para superar a violação desse direito.

*Por exemplo, constatamos que os jovens não têm acesso à transporte público escolar gratuito, há um Direito de Juventude violado. Então, o nosso objetivo vai indicar que de alguma forma contribuiremos para superar essa violação.*

**2º PASSO:** Devemos verificar se o objetivo que apresentamos trabalha com a superação da causa da violação.

*Por exemplo, se nosso objetivo afirma que vamos contribuir para que os jovens tenham acesso ao transporte público escolar gratuito, pode ser muito amplo; talvez a gente deva avaliar: é necessário denunciar existência de transporte de baixa qualidade; é necessário formar gru-*

<sup>1</sup> Texto elaborado por Jorge Atilio Silva Iulianelli, educador popular, filósofo, assessor em KOINONIA – Presença Ecumênica e Serviço

*pos de jovem saber cobrar na câmara dos vereadores e no Ministério da Educação; é necessário formar grupos que ingressem nos movimentos sociais do campo de luta em favor da educação do campo;*

Na execução da Ação Cultural temos que verificar se nela a gente contribui para que os Direitos da Juventude sejam promovidos. Como?

**1º PASSO:** A realização da nossa ação permitiu que a comunidade refletisse sobre os Direitos da Juventude? Em caso afirmativo, como foi isso?

**2º PASSO:** A realização da nossa ação mobilizou a comunidade para superar a violação de algum Direitos da Juventude? Que produto essa mobilização gerou?

*Por exemplo, no caso da baixa qualidade do transporte público escolar gratuito para a juventude rural, pode ser que se promova um debate sobre os fundos públicos para este serviço com a prefeitura municipal. E do debate surja um termo de ajuste de conduta da prefeitura, a partir dos jovens.*

**3º PASSO:** A realização da nossa ação efetivou algum Direito da Juventude? Em caso afirmativo, qual?

*Por exemplo, pode ser que nossa ação tenha indicado um mecanismo de uso de equipamentos de cultura e lazer, que pode se tornar uma política pública do município. Ou ainda, que por meio dessa Ação Cultural cheguemos a ter a indicação de elaboração de uma política para a melhoria do transporte público do município.*

E como poderíamos checar na avaliação se nossa Ação Cultural contribuiu para a efetivação de algum Direitos da Juventude?

**ÚNICO PASSO:** Podemos buscar quantificar as pessoas que participaram efetivamente de conversas sobre os Direitos da Juventude e que passaram a ter mais informações sobre eles; e, também, podemos verificar se a qualidade dos Direitos da Juventude existentes antes da Ação Cultural foi melhorada. Isso nos permitirá ter dados quantitativos e qualitativos sobre o resultado da ação em relação aos Direitos da Juventude.



**CADERNO de  
METODOLOGIAS**

# INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, educadores e educadoras, assessores e assessoras, grupos e organizações diversas vêm trabalhando com processos educativos numa perspectiva multiplicadora. Vêm investindo na formação de militantes, lideranças, dirigentes, educadores populares, enfim, pessoas que possam disseminar e socializar idéias, conhecimentos, práticas e experiências e, sejam capazes de contribuir no aperfeiçoamento dos processos educativos e organizativos em suas localidades.

No caso específico da região do Submédio São Francisco, uma das estratégias de ação que vêm sendo desenvolvida pelo Pólo Sindical através de seu Departamento de Jovens - e Koinonia, é a formação de jovens rurais para desenvolverem ações políticas, organizativas, educativas e mobilizadoras nos 13 municípios de base de atuação do Pólo. Ações que são desenvolvidas através dos sindicatos, das associações rurais, das cooperativas, dos grupos de jovens e do próprio Departamento.

Através do fortalecimento do Coletivo do Departamento de Jovens<sup>1</sup>, Pólo Sindical e Koinonia<sup>2</sup> têm investido em várias frentes de trabalho com a juventude camponesa. Mas, especificamente no campo da formação sistêmica, têm investido na capacitação dos membros do Coletivo, com objetivo de transformar estas pessoas em um grupo de multiplicadores, que seja capaz de desenvolver outras atividades educativas com seus grupos e outras organizações, construindo seus jeitos próprios de serem educadores e educadoras populares.

Este processo educativo tem como perspectiva estratégica o fortalecimento da Educação Popular. A educação Popular entendida como um processo de formação que se dá dentro de uma opção política de classe e com vinculação orgânica com os movimentos populares. Assim, o objetivo do Pólo e KOINONIA, ao investirem em formação de multiplica dores, não restringe a prática educativa nela mesma, visando apenas que os jovens se tornem mais capazes. Consiste, sobretudo, em apostar num fazer educativo contínuo, que tem como horizonte fortalecer um projeto coletivo de construção de uma nova sociedade. Ou seja, da formação ser uma ferramenta que pode ajudar aos grupos que lutam ou querem lutar e acreditam que "um novo mundo é possível".

No desenvolvimento do trabalho educativo com os jovens do Coletivo

---

1 O Coletivo de Jovens do Departamento é composto pela Coordenadora do Departamento de Jovens do Pólo Sindical, Secretária da Mulher e Jovem do Pólo, 2 jovens de cada município de base de atuação do Pólo. Estes 2 jovens são representantes dos diversos grupos de jovens de cada local e são indicados pelos jovens e STR's.

2 KOINONIA - Presença Ecumênica e Serviço.

do Departamento temos feito o exercício de produzir alguns subsídios para as atividades, seja para o próprio Coletivo, seja para o trabalho com os jovens nos municípios. Esta cartilha tem o intuito de servir de subsídio para uma oficina que será realizada com os membros do Coletivo do Departamento, que tem como tema central Metodologia no Processo Educativo com Jovens.

A oficina tem como objetivos discutir a concepção metodológica da Educação Popular e também trabalhar alguns exercícios práticos de como realizar algumas atividades educativas que são comuns no cotidiano das organizações populares.

Assim, esta cartilha trata de costurar algumas idéias sobre o que são e como organizar algumas atividades, a saber: curso, oficina, seminário, encontro, reunião e, traz ainda, algumas dicas sobre procedimentos utilizados na dinâmica de organização e desenvolvimento dessas atividades educativas. Por fim, a cartilha recupera algumas técnicas que podem ser utilizadas como percurso metodológico para: construção do perfil de grupos, trabalhar com construção da identidade, avaliar, resgatar experiências e realizar planejamentos.

Vale ressaltar, que a cartilha não tem a pretensão de ser um manual fechado, com definições conceituais e dinâmicas, separando de forma estanque conteúdo e método. Isto seria uma compreensão meramente técnica de metodologia, contraditória com a própria perspectiva de Educação Popular que buscamos consolidar. A cartilha busca ser um instrumento pedagógico, facilitador de alguns processos de capacitação, que contribua para que os jovens tomem-se multiplicadores de diferentes ações educativas. Enfim, busca constituir-se um instrumento que ajude aos jovens na tarefa de educadores populares, entendendo que os fins políticos estão presentes nas ações formativas.

## 1. CONSIDERAÇÕES SOBRE ATIVIDADES EDUCATIVAS

As atividades de formação que são mais comuns nas organizações e movimentos populares são cursos, oficinas, seminários, encontros e reuniões, mas existem outras atividades que também podem ser implementadas. Se atividades educativas forem bem planejadas, executadas e avaliadas, seu sucesso pode ser maior.

As atividades formativas têm algumas características comuns e outras diferentes e, muitas vezes, podem ser feitas de forma simultânea e combinada. Observem algumas semelhanças e diferenciações das atividades educativas abaixo, que são essenciais para a formação do grupo de multiplicador@s.

## 1.1 Curso

O Curso constitui-se uma atividade formativa de aprofundamento de conteúdos, essencialmente centrada na socialização e construção de informações práticas e conhecimentos.

O curso tem objetivos claros e quem planeja tem previsto alguns resultados que quer alcançar ao final. A metodologia do curso pode ser criativa, mas ela tem que permitir trabalhar os conteúdos, a priori definidos, e buscar alcançar os resultados almejados.

**Algumas características do curso:** é centrado num tema específico; educad@r e/ou assess@r é o principal responsável pelo desenvolvimento do conteúdo, portanto tem que dominar o tema e os procedimentos metodológicos.

O curso permite a construção coletiva do saber e pode ser desenvolvido de forma participativa, contanto que garanta espaço para o aprofundamento dos temas em estudo e debate.

O curso, por ser uma atividade mais centrada, deve ter um número limitado de participantes. O ideal seria não ultrapassar 30 pessoas, mas existem experiências com número maior.

## 1.2 - Seminário

O Seminário é uma atividade formativa de debate e troca de conhecimentos entre @s participantes sobre um tema específico. Necessariamente o seminário não tem que chegar a definições ou conteúdos amarrados. Tem um caráter mais aberto, de reflexão e discussão de uma problemática ou tema.

**Algumas características:** o educad@r ou assess@r pode não dominar o tema com profundidade, mas tem que apresentá-lo justificando a importância; educad@r ajuda na condução, reflexão e seleção dos conteúdos a serem melhor pontuados no debate; educad@r coordena, sintetiza e focaliza as debilidades e fortalezas das questões, distinguindo questões polêmicas e consensuais; no seminário pode ter expositores e debates para tratar dos temas. Os participantes também debatem as temáticas.

O seminário pode ter um número maior de pessoas, desde que haja uma organização do tempo x as temáticas debatidas x número de pessoas.

## 1.3 - Oficina

A oficina constitui-se uma atividade formativa que prima pela criatividade

do grupo e busca a construção dos conteúdos pel@s participantes. Tem uma linha temática e metodológica orientadora com objetivos a serem alcançados, porém os resultados não são precisos, visto que os mesmos devem ser fruto do processo de construção coletiva e vivência grupal;

**Características:** tem um caráter prático; seu objetivo é a geração de um produto final; @ educad@r orienta metodologicamente e potencializa a criatividade do grupo, concentra-se em um tema específico; @ educad@r deve dominar, minimamente, a temática para ajudar no processo de construção.

A oficina é uma das atividades formativas mais desafiantes no sentido de motivar, instigar e inspirar a criatividade. Geralmente numa atividade como esta lança-se mão de músicas, teatros, mímicas, imagens, pinturas, desenhos, técnicas de relaxamento e integração, expressão corporal, entre outros recursos. O aprofundamento e o estudo temático também podem ocorrer numa oficina, porém, o modo de fazê-lo deve ser inovador e criativo.

Por ser um espaço de construção coletiva de práticas, conhecimentos, experiências, conteúdos, sentidos, enfim, espaço de criar e recriar saberes, a oficina deve ter um número limitado de público. O ideal é entre 15 a 25 participantes.

#### 1.4 - Encontro

O Encontro é uma atividade de debate de temas, de experiências e/ou de proposições. Caracteriza-se, sobretudo, como um evento que ao final tira-se definições, diretrizes, encaminhamentos e deliberações. Os processos institucionais de avaliação, elaboração de planos, plataformas e planejamentos, comumente, são feitos em encontros. Além d@ educad@r ou dirigente para coordenar os trabalhos é também necessário que tenha um relat@r, para anotar e sistematizar as proposições e conclusões que são formuladas ao final.

#### 1.5 - Reuniões

É uma atividade rápida, que tem como objetivo informar, debater e propor assuntos com um grupo de pessoas. A reunião exige a presença da coordenação, que pode ser um educad@r ou outra pessoa - dirigente, liderança, pessoa pública.

A reunião é um meio de comunicação muito utilizado nas comunidades rurais.

## 1.6 - Simpósio

É uma atividade formativa composta de uma série de breves apresentações sobre diferentes aspectos de uma mesma problemática. A finalidade do simpósio não é chegar a conclusões, mas permitir esclarecimentos sobre o assunto em debate.

O Simpósio pode ter vários expositores, a depender dos enfoques da temática em debate. O educador exerce o papel de coordenar e facilitar nos momentos das apresentações e do debate. Ele não tem a responsabilidade de dominar o assunto, mas conduzir metodologicamente o evento.

## 1.7 - Paineis

É uma forma de apresentar um tema para debate, seja para um público reduzido, seja para uma grande plenária. Contribui para analisar uma problemática ou um tema de forma mais aprofundada.

**Características:** o painel é composto por um grupo de pessoas, selecionadas, seja por serem mais especializadas na matéria em questão, seja por estarem interessados em estudar o assunto, seja por representarem pontos de vistas antagônicos; não tem por finalidade chegar a uma solução, embora possa produzir conclusões; o educador que exercer o papel de mediar e coordenar o evento.

## 1.8 – Workshop/laboratório

É uma atividade de estudos e debates que tem como objetivo melhorar a habilidade ou eficiência de um grupo sobre uma temática específica. Geralmente tem a orientação de um ou mais especialistas na questão estudada.

Tem uma natureza prática, visando melhorar a ação do grupo para a aplicabilidade do que foi estudado. O nome Workshop quer dizer “**lugar de trabalho**”.

Os Workshops mais comuns são de avaliação, de metodologia, de especialização temáticas e de pesquisas.

Para realização da maioria das atividades de capacitação o educador tem um papel muito ativo, sobretudo de cumprir algumas fases.

### **Antes da atividade:**

Analisar a necessidade da capacitação;

Selecionar o tipo de atividade, de acordo com os resultados que se quer obter;

Preparar o programa adequando objetivos, conteúdos, metodologia, público e tempo da atividade;

Selecionar os instrumentos facilitadores e o material didático Articular o público e o local da atividade;

Fazer o orçamento e verificar como providenciar os recursos.

### **Durante a atividade:**

Implementar a atividade, realizando, se necessário, ajustes na programação de acordo com as sugestões dos participantes;

Manter um clima favorável entre os participantes;

Primar pelos princípios da democracia e da construção coletiva do saber na relação educador/educando;

Proporcionar instruções precisas durante o uso dos equipamentos e instalações;

Viabilizar momentos de avaliação.

### **Depois da Atividade:**

Analisar as avaliações da atividade, procurando redimensionar as demais atividades de acordo com os resultados obtidos;

Elaborar um relatório final do evento;

Verificar a necessidade de continuidade do processo educativo;

Elaborar instrumentos de acompanhamento das ações que venham a ser desenvolvidas pelos participantes (verificar a - utilização do que foi aprendido).

### **O êxito de uma atividade educativa depende de uma série de fatores:**

Da motivação, interesse e estímulo d@s participantes;

De uma boa comunicação entre o educad@r e educand@s;

Do esforço conjunto de educad@r e educand@s para atingir os resultados desejados;

De realimentar o processo de aprendizagem, favorecendo que cada pessoa sinta-se sujeito deste processo;

De considerar, profundamente, a realidade do público;

Da busca da ressignificação de práticas, atitudes, representações e comportamentos que fazem parte das nossas vidas.

## 2. TÉCNICAS FACILITADORAS DO PROCESSO EDUCATIVO

Na realização de atividades educativas, principalmente em encontros, cursos e oficinas, é importante a utilização de procedimentos metodológicos ou técnicas que são facilitadoras do percurso que buscamos construir.

Existem técnicas/dinâmicas que cumprem objetivos específicos para aquele momento: apresentação dos participantes, integração do grupo, animação, mas que não tem o intuito de favorecer a abordagem das temáticas.

As técnicas que tratamos nesta cartilha têm um caráter diferente. Tratam-se de caminhos ou procedimentos metodológicos que sugerem uma forma de abordagem dos conteúdos ou das práticas, a partir das diferentes expressões dos participantes, onde o jeito de fazer também revele uma forma de ver e agir. São vivências metodológicas que permitem discutir a temática e/ou trabalho sob vários enfoques ou viés de leituras.

As técnicas que resgatamos podem servir para construção do perfil ou da identidade do grupo; para fazer diagnóstico rápido da realidade que queremos tratar, para resgatar experiências; para avaliar; e para planejar.

### 2.1 Técnicas ou procedimentos metodológicos para construção do perfil ou identidade do grupo

#### 2.1.1- A viagem de trem

@educad@r entrega a cada participante uma folha grande de papel (madeira ou 40K) e um pincel e pede para os mesmos imaginarem que aquele papel é um vagão de trem. Sugere que eles imaginem que a militância tem sido uma grande viagem, reflitam sobre algumas questões e coloque no seu vagão. As questões são:

Quanto tempo faz que viajo (tempo de militância)?

Que estações passei que mais me marcaram (organizações, movimentos, grupos)?

Que estação parei (movimento ou entidade que faz parte hoje)? Que trago na bagagem (experiências, lembranças, imagens, pessoas, fatos, questões, desafios, etc)?

Que deixei para trás (entidades, limites, desafios, pessoas, práticas, família etc)?

Qual será a próxima estação (sonhos e perspectivas)?

Em seguida, cada participante apresenta o seu vagão, formando um grande trem. @educad@r sintetiza os principais elementos do perfil do grupo (tempo de militância, os movimentos que aparecem, as principais experiências); elementos de identidade e diferenças; questões e desafios, entre outros elementos que interessem para o processo educativo que está sendo implementado. A depender dos objetivos que se quer alcançar com este processo de vivência, a construção do trem pode ser curta ou longa.

No momento que os participantes tiverem construindo seus vagões pode ser colocado fundo musical, com músicas que fale de trem.

### 2.1.2 - As fontes

@educad@r entrega uma folha de papel grande (40k ou madeira) para cada participante e um pincel, em seguida sugere que eles resgatem as principais referências ou os elementos que contribuíram para construir sua identidade como militantes ou participantes de movimentos. Para isto, reflitam sobre algumas fontes:

Que acontecimentos?

Que pessoas?

Que movimentos ou entidades? Que livros?

Que músicas?

Que lembranças?

Marcaram minha vida e contribuíram para formação de minha identidade como militante ou participante de movimentos?

Durante o tempo que @s participantes estiveram refletindo sobre as fontes pode ser colocado um fundo musical, com músicas que fale ou lembre de água.

Ao final, os participantes apresentam as fontes (de forma escrita, pintada ou desenhada) com as respostas para questões acima. @educad@r faz a síntese, separando os elementos comuns e diferentes, que conformam a identidade daquele grupo.

### 2.1.3 - Fazendo cabeças

@educad@r coloca a disposição do grupo diversos materiais didáticos (papel, pincéis, lápis de cores, revistas, jornais, bolas de sopro, cola, tesoura) sugerem que eles construam ou desenhem a CABEÇA. Quando estiverem fazendo a cabeça reflitam sobre as seguintes questões:

○ que faz a minha cabeça para entrar no movimento?

Há quanta tempo a minha cabeça foi feita?

○ que continua fazendo a minha cabeça para continuar na militância?

Depois, os participantes apresentam as cabeças, falam de suas movimentações e o educador(a) sintetiza os principais elementos que foram revelados.

Esta técnica pode ser adaptada para trabalhar um conteúdo específico, exemplo: o que faz a minha cabeça para trabalhar com juventude? ○ que faz a "linha cabeça no trabalho que desenvolvo nas áreas de sequeiro?

#### 2.1.4 - A Roda

@educad@r entrega aos participantes três círculos (rodas) de cartolinas de tamanhos diferentes - um pequeno, um médio e um grande. Entrega também um pincel e pede para eles refletirem sobre algumas questões e colocarem nas rodas:

**Círculo pequeno:** como roda a minha vida de militante em uma semana?

**Círculo médio:** como rodou a minha vida de militante neste ano?

**Círculo grande:** como rodou a minha vida de militante nos últimos anos?

Depois, os participantes apresentam as várias rodas e @educad@r vai ajudando a sintetizar e a refletir sobre os elementos de continuidade e de rupturas que vão aparecendo. Reflete também sobre os elementos de identidade coletiva que vão aparecendo.

Nesta técnica pode ser utilizada um fundo musical enquanto @s participantes vão construindo as rodas, a exemplo da música de Chico Buarque, que diz "Roda mundo, roda gigante, roda moinho roda pão..."

## 2.2 - Técnicas ou procedimentos metodológicos que ajudam nos processos de resgate de experiências e de avaliação

### 2.2. 1- A árvore

@educad@r divide @s participantes em grupos, por finalidade, e pede para eles resgatarem e avaliarem a experiência e/ou trabalho, entregando aos mesmos várias partes para construção de uma árvore. Na árvore os grupos vão colocar:

**Na raiz:** as atividades planejadas ou as principais ações e elementos que ajudaram a enraizar a experiência ou trabalho;

**Galhos e folhas:** as ações desenvolvidas a partir da raiz

**Espinhos:** dificuldades e desafios

**Frutos:** os resultados adquiridos com o desenvolvimento do trabalho;

**Sementes:** os desdobramentos da experiência ou trabalho, que podem gerar novos frutos.

Em seguida, os grupos se apresentam, formando no final uma grande árvore. @educad@r media o debate, procurando sintetizar os elementos comuns e diferentes do processo de avaliação e/ou resgate da experiência.

### 2.2.2 - Álbum de retratos ou fotográfico

@educad@r entrega a cada participante um papel grande em branco e deixa a disposição do grupo vários materiais para pintura (pincéis, lápis, tintas). Em seguida, pede para que cada um “pinte o retrato” da experiência ou trabalho que está sendo avaliado/resgatado.

Depois, @s participantes vão apresentando cada retrato e formando um álbum. @educad@r ajuda a mediar a reflexão, extraíndo os principais elementos que foram sendo levantados durante as apresentações.

Esta técnica pode ser utilizada também para iniciar a reflexão de uma temática específica, quando o educador faz a opção metodológica de iniciar fazendo um diagnóstico da realidade. Exemplo: numa atividade sobre Conselhos, sugerir que os participantes pintem o retrato de como está a atuação dos Conselhos em seus municípios.

### 2.2.3 - O rio

@educad@r coloca no meio da sala, num grande painel, o desenho de um rio, lembrando onde aquele rio (pode ser uma organização, experiência, trabalho) nasceu e quais as características. Em seguida, pede que os participantes se aproximem do rio e, de forma escrita, pintada ou desenhada, coloquem:

As águas que rolaram no rio (fatos, momentos históricos, as lutas)  
Principais pessoas que beberam da água do rio (lideranças, dirigentes, assessores, segmentos);

Águas amargadas (limites, enfrentamentos, desafios, oposições)  
ações, novas lideranças etc).

Após a construção coletiva do rio, as pessoas vão falando espontaneamente do que expressou do rio. @ educad@r tem o papel de mediar a reflexão para ir juntando os elementos comuns das falas, bem como de complementar com elementos que não foram apresentados pelos participantes.

## **2.3 Técnicas ou procedimentos metodológicos que ajudam nos processos de planejamento**

### **2.3.1 - Os pés**

Inicialmente @ educad@r traz para o grupo vários pés, resgatando os passos que foram dados no trabalho até aquele momento. Depois, entrega aos participantes cartolinas, tesouras e pincéis, para que os mesmos construam novos pés, ou seja, sugiram novos passos (linhas de ação, eixos, objetivos estratégicos) que podem ser dados na caminhada.

Em seguida, os participantes apresentam os pés e @ educad@r vai arrumando por blocos comuns de sugestões. Abre o debate para definições de prioridade, mediando e fazendo ponderações acerca da viabilidade das propostas apresentadas. Pode ser feita a seguinte dinâmica: pezinho pra frente (as sugestões que podem ficar), pezinho pra trás (aquilo que ainda não é possível ser realizado). No final, o grupo constrói as balizas gerais que vão nortear o processo de planejamento.

### **2.3.2 - As escadas**

@ educad@r sugere um cochicho, para que os participantes definam as Metas do planejamento, perguntando: onde queremos chegar? (último degrau da escada)

Os cochichos se apresentam e, no debate coletivo, são definidas as principais metas. Em seguida, os participantes voltam aos cochichos para definir os outros degraus que vão formar a escada, respondendo a seguinte questão:

Que degraus (ações estratégicas) preciso realizar para construir a Escada e alcançar o último degrau (metas)

Concluída as ações, o educador orienta as demais etapas do processo de planejamento.

Estas são apenas algumas técnicas que resgatamos nesta Cartilha, com o objetivo de subsidiar os grupos de jovens em suas atividades educativas. Vale lembrar, que cada técnica pode ser modificada, recriada, adaptada para outra finalidade, enfim, no processo educativo tudo pode ser reinventado, depende da criatividade d@ educad@r.

## CONCLUSÃO

O processo educativo que vem sendo desenvolvido com a juventude rural tem procurado favorecer espaços, onde os jovens estudam, discutem, trocam experiências, exercitam construção de novas práticas, criem e recriem conhecimentos, intenções e práticas, enfim, favorecer espaços de construção, socialização e reconstrução do saber.

Esperamos que esta Cartilha cumpra esta finalidade. Deve ser mais um instrumento pedagógico facilitador do processo educativo que estamos construindo e que tem uma perspectiva estratégica: que a juventude rural, seja da área irrigada ou de sequeiros, fortaleça suas formas de organização e dê continuidade as lutas das gerações anteriores. Que os jovens busquem e consolidem um projeto de desenvolvimento para a região, que seja inclusivo, solidário e sustentável econômico e socialmente.

REALIZAÇÃO:



APOIO:



Escola de Formação  
Quilombo dos Palmares



Av. Apolônio Sales, 1059 - Centro  
48401-200 - Paulo Afonso - BA  
Fone: (75) 3501.3000 - Fax: (75) 3501.3025  
e-mail: fonte viva@fap-ba.com.br